

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Milena Neri Guarnieri

Um estudo sobre a traição amorosa e a resiliência na perspectiva da
psicologia analítica.

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Estudos Junguianos

Milena Neri Guarnieri

Um estudo sobre a traição amorosa e a resiliência na perspectiva da
psicologia analítica.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, sob orientação da Professora Doutora Ceres Alves de Araújo.

SÃO PAULO

2016

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Sou extremamente grata a minha família. Aos meus pais, José Antonio e Maria Lúcia que, sempre com muito carinho, generosidade, incentivo e dedicação, não mediram esforços para que eu chegasse até mais esta etapa da minha vida. E a minha irmã, Melissa, pela constante aprendizagem da fraternidade e individualidade, por dividir tantas alegrias e dificuldades juntas e por sempre estar ao meu lado para o que der e vier.

À professora e orientadora Dra. Ceres Alves do Araújo, a quem admiro não apenas profissionalmente, por seu transbordar de inspiração, conhecimento, estímulo intelectual e palavras de motivação, como também pela pessoa generosa, disponível, acolhedora, atenciosa, compreensiva e admirável que é.

Sou muito grata ao professor Dr. Francisco Assumpção e ao professor Dr. Durval Luis de Faria pela participação na banca de defesa, bem como pelos ensinamentos gentis e instigantemente transmitidos, tanto na graduação como nos estudos de pós-graduação.

Mais uma vez agradeço ao professor Dr. Francisco Assumpção e a professora Dra. Noely Montes Moraes pela participação na banca de qualificação, pelos conselhos e apontamentos nesse trabalho, além da deliciosa companhia na aprendizagem, novamente, tanto na graduação como nos estudos de pós-graduação.

Agradeço muito aos meus professores e colegas de mestrado pelo conhecimento compartilhado, discutido, sofrido, sorrído e pela incansável troca de experiências, principalmente a Áurea A. Caetano e Maria Teresa C. Nasi pela crescente amizade, cumplicidade, intimidade e “mosqueteirismo” que criamos ao longo do árduo processo de mestrado.

A Tatiana Bueno Tardivo por ser minha grande amiga de longa data e por ser minha fiel crítica e apoiadora nas experiências de toda vida. Agradeço a você, também, pela minha primeira “pseudo-sobrinha” e “pseudo-afilhada”, Maria Eduarda, que nos proporciona tantas alegrias e emoções.

A Patrícia Senna por sempre ter deixado, e ainda deixar, minha vida mais divertida e desopilante, mais agitada e leve, mais sonora e dançante, menos complicada e mais livre. A Nara I. Vasconcelos e Raquel A. Serafim pela amizade e companheirismo de infância retomados – depois de tantos anos sem contato próximo – seja em São Paulo ou em Salto, seja em português, inglês ou grego. Três pessoas que representam um lembrete da vida: os vínculos importantes sempre permanecem.

A Júlio V. Nunes pelas piadas, risadas, *drinks*, calma, bacon e, quase no final desse processo, pelo “Yoda falante” com o intuito de me sentir mestre e acompanhada.

Por fim, também me sinto muito agradecida por poder compartilhar angústias e conquistas com todos meus amigos, de fora da área da psicologia, que por muitas vezes sequer entendiam sobre o que estava falando – que ousou dizer que foram quase todas as vezes – mas que me emprestaram a presença e a empatia para dividir o fardo disso e de muitas outras coisas mais.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo a realização de revisão da literatura junguiana sobre o tema traição nos relacionamentos amorosos, bem como a verificação de existência da relação entre traição e resiliência. A primeira parte do estudo foi realizada mediante consulta aos principais sites e veículos de produção acadêmica. Em um segundo momento, procuramos livros, pesquisas, artigos e palestras sobre o tema. Depois, selecionamos os que tinham relação entre si e os apresentamos em três categorias. As duas primeiras categorias foram escolhidas de acordo com os métodos sintético e redutivo propostos por Jung e a terceira categoria se justificou pela forma como o ambiente virtual já é intrínseco à vida cotidiana da grande maioria das pessoas. Nas categorias analisadas e discutidas, encontramos coerência entre as ideias dos autores apresentados, principalmente com relação (i) à inevitabilidade da ocorrência da traição, (ii) à discriminação da experiência no papel do traído e no papel do traidor, (iii) à observação do não trair a si mesmo como um concepção importante – que proporciona um sentido para a transgressão, (iv) à internet trazendo um meio novo para se apaixonar, brigar, manter um relacionamento, transgredir e trair, (v) à utilização do meio virtual com a finalidade de aventura acidental ou ocasional, vingança, satisfação sexual pueril – bem como a necessidade de atenção narcísica e realização impetuosa dos desejos individuais e (iv) ao vislumbre da relação entre traição e resiliência em todas as categorias propostas. Por fim, nos foi revelado quão rico é o tema e quão pouco explorado ele é, haja vista a escassez de escritos junguianos publicados sobre a traição. Esperamos ter contribuído, enfim, para a compreensão da relação entre traição e resiliência, uma vez que a traição pode ser concebida como uma transgressão que abre a possibilidade de transformação pessoal e de vida, por meio da elaboração e transformação, apesar de toda a dor envolvida.

Palavras-chave: Revisão de literatura. Traição. Resiliência. Psicologia analítica.

ABSTRACT

This study aimed to carry out a review of Jungian literature on the subject betrayal in love relationships as well as the verification of existence of relation between betrayal and resilience. The first part of the study was carried out in consultation with the main sites and academic production vehicles. In a second step, we researched into books, researches, articles and lectures on the subject. Then we select those who were related to each other and present them in three categories. The first two categories were chosen according to the synthetic and reductive methods proposed by Jung and the third category is justified by the way the virtual environment is already intrinsic to the everyday life of most people. In analyzed and discussed categories, we find coherence between the ideas of the presented authors, especially regarding (i) the inevitability of the occurrence of betrayal, (ii) the discrimination of experience in the role of the betrayed and the role of the betrayer, (iii) the observation of not betray yourself as an important aspect - providing a sense for the transgression, (iv) the internet bringing a new way to fall in love, fight, maintain a relationship, transgress and betray, (v) the use of the virtual environment for the purpose of accidental or occasional adventure, revenge, puerile sexual satisfaction - as well as the need for narcissistic attention and fiery realization of individual desires and (iv) to glimpse the relation between betrayal and resilience in all categories proposed. Finally, it has been revealed how rich is the theme and how little it is explored, given the shortage of Jungian writings published on betrayal. We expect to have contributed to understanding the relationship between betrayal and resilience, since the betrayal can be conceived as a transgression which opens the possibility of personal transformation and life, through the development and transformation, despite all the pain involved.

Keywords: Literature review. Betrayal. Resilience. Analytical psychology.

SUMÁRIO

Capítulo I – Introdução	01
Capítulo II – Sobre a traição	08
II.1. Aspectos históricos e legais do relacionamento conjugal	09
II.2. Traição e seus padrões	12
Capítulo III – Sobre a resiliência	19
III.1. Origem e evolução do conceito de resiliência	19
III.2. Resiliência, seus principais autores e conceituações	21
III.3. Resiliência na psicologia analítica	26
Capítulo IV – Objetivos	33
Capítulo V – Método	34
Capítulo VI – Resultados e Discussão	36
VI.1. Artigos pesquisados	36
VI.2. Resultados e Discussão	39
1. A traição como símbolo	41
2. A análise da traição	57
3. O mundo virtual e a traição	71
Capítulo VII – Considerações Finais	82
Referências	86

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Quem, nos dias de hoje, nunca vivenciou a experiência de traição ou aventou a possibilidade dela?

Como pode ser possível conviver com uma traição amorosa?

Quem perante isso não teve que rever as próprias questões para dar continuidade ao seu processo de vida?

Como o desenrolar dessa situação pode nos trazer transformações?

Tais questões despertaram interesse e curiosidade em pesquisar mais acerca da traição, principalmente situada nos relacionamentos amorosos e a capacidade de resiliência ao vivenciar a situação.

O tema desse estudo surgiu a partir de reiteradas discussões que surgiram no ambulatório de atendimento de casal e família do Hospital das Clínicas de São Paulo sobre a diferença entre homens e mulheres com relação à traição no relacionamento amoroso: eram, de fato, constantes os relatos de traição e de vivência de suas consequências.

Não é novidade pensar sobre tais assuntos nos dias atuais, principalmente pela constante aparição do tema traição e resiliência na vida comum: livros, romances, produções científicas, telenovelas, seriados, internet, conversas pessoais e vivências individuais. Neles sempre nos são apresentadas consequência que, em algumas vezes, apontam para a transformação nas atitudes dos envolvidos e, em outras, não.

Bonder (1998) ao discutir a traição, em seu livro *A Alma Imoral*, define essa como uma palavra que expressa perda de tensão: traímos quando nossa escolha provoca a perda de tensão, seja porque optamos por ceder ao “bom” em detrimento do “correto”, ou defendermos o “correto” em

detrimento do “bom”. Nas palavras dele, “Trai-se por fidelidade e infidelidade. Trai-se tanto por apego como por desapego” (BONDER, 1998, p.34).

E, quando de uma entrevista para a Revista Época, acerca do seu livro, Bonder (1998) ainda ressaltou:

É a alma que trai, e não o corpo. (...) Para sobreviver num lugar que não era seu hábitat, o corpo criou a moral como meio de se proteger. Essa proteção criou-lhe roupas para cobrir a nudez (...) todas as vezes em que o corpo insiste em recriar o éden seguindo apenas seu desejo a alma contrataca com sua imoralidade (BONDER, 1998, Entrevista para Revista Época. Disponível em: http://www.niltonbonder.com.br/port/entrevistas/1998_07.htm Acesso em 09 de junho de 2016).

Na mesma entrevista, o mesmo autor também defende a ideia de que existe um lado positivo na traição e que ela é inevitável e bem-vinda – bem como ainda explica a utilização da traição e da transgressão como sinônimos:

Na minha opinião, traições e transgressões são a mesma coisa. Desde que sejam atitudes revolucionárias. Toda traição vai contra um padrão que representa o *status quo*, a ordem geral. (...) Estamos falando do espírito maior da traição, que é o de romper com o padrão moral vigente, transgredir. Trair é uma atitude inevitável do ser humano (BONDER, 1998, Entrevista para Revista Época. Disponível em: http://www.niltonbonder.com.br/port/entrevistas/1998_07.htm Acesso em 09 de junho de 2016).

Retornando ao livro *A alma imoral*, Bonder (1998) apresenta três modelos tradicionais de traição: 1. romper na esfera da cultura; 2. romper na esfera do outro; e 3. ser traidor de si mesmo. No primeiro modelo o autor se refere à transgressão das convicções, sejam elas naturais, culturais ou

aprendidas para adentrar na construção das próprias convicções. O segundo, por sua vez, se refere a trair o outro fora de nós, assumir o papel de traidor e, finalmente, o terceiro modelo se refere aos pecados, “tal como a transgressão de Adão e Eva é apresentada – que elevam a alma, (...) dos pecados que fortalecem (...) e lhe ofertam seu nutriente mais importante: a evolução” (BONDER, 1998, p.46). Nesse sentido:

G. Scofield Jr.: O senhor vê um adúltero como um transgressor?

Bonder: Não. O adúltero não está transformando a sua vida, melhorando-a. Ao contrário. Ele quer manter indefinidamente o mesmo esquema - ter um parceiro ou uma parceira em casa, mantendo vários na rua. O traidor do bem é um transgressor da ordem, que rompe normas para criar um estilo de vida melhor que o anterior. E o adúltero não faz isso (BONDER, 1998, Entrevista para Revista Época. Disponível em:

http://www.niltonbonder.com.br/port/entrevistas/1998_07.htm
Acesso em 09 de junho de 2016).

A traição é uma vivência que pode ser muito devastadora. Por essa razão é essencial perceber que, uma vez traída a unidade do relacionamento amoroso, esse passa a ser ameaçado tanto por uma outra pessoa quanto pela cultura vigente. A traição é bem mais complexa que um triângulo amoroso uma vez que pressupõe a violação de um pacto, contrato, acordo ou compromisso previamente feito (FERRAZ, 2014).

Ferraz (2014), outrossim, postula que a traição se apresenta de forma complexa por envolver a quebra de um pacto selado ou prometido, enquanto o triângulo amoroso pode se apresentar como uma espécie de consenso ou acordo entre o casal, o qual – *a priori* – pode não englobar um relacionamento monogâmico.

Hillman (1978), no livro *Estudos de psicologia arquetípica*, no capítulo intitulado traição, escreve que há histórias de traições desde antes dos

relatos bíblicos, bem como que a partir do momento no qual confiamos em alguém ou em algo já se apresenta a possibilidade da traição. Vejamos:

Só podemos ser realmente traídos quando realmente confiamos: em irmãos, amantes, esposas, maridos,; não em inimigos, não em estranhos. Quanto maior amor e a lealdade, o envolvimento e o compromisso, maior a traição. A confiança contém em si a semente da traição (...). A confiança e a possibilidade de traí-la vieram ao mundo no mesmo momento. Onde quer que exista confiança em uma união o risco de traição torna-se uma possibilidade real. E a traição, como uma possibilidade com que se deve sempre contar, é parte integrante da confiança, da mesma forma que a dúvida integra uma fé viva (HILLMAN, 1978, p.82).

Assim, podemos pensar que eventos de traição acontecem em várias situações da vida humana, e eles, talvez, nos sejam necessários para que convivamos com a realidade ambivalente da psique, na qual bem e mal, segurança e insegurança, estão intrinsecamente ligados tanto quanto não gostamos de sequer imaginar.

Para que possamos lidar com a traição, de acordo com Hillman (1978), se faz necessário olhar para si e para os outros, aceitando o acontecimento, o ser traído, o traidor, a gama de sentimentos confusos e vergonhosos, o ressentimento, a raiva e, acima de tudo, não esquecer o ocorrido, podendo deixá-lo na memória para que a experiência não se dissolva no inconsciente.

Carotenuto (1997) mostra que exatamente o amadurecimento – e conseqüentemente uma possível elaboração do conflito – advém de se deixar viver a experiência e não abandoná-la defensivamente:

O nosso amadurecimento coincide com o abandono das defesas; é nessa área de fluidez do sentimento que podemos julgar da verdade de um homem. Estamos continuamente

sujeitos ao desafio da aventura emocional; antes, é através dela que continuamos jovens. Evitando identificar-nos completamente com o papel, isto é, não assumindo-o como couraça defensiva com a qual tornar-nos impermeáveis à existência, mantendo-nos descobertos e disponíveis à experiência (CAROTENUTO, 1997, p.66).

A traição, dentro do relacionamento amoroso, pode estar relacionada à capacidade de resiliência do indivíduo. Em síntese: a ocorrência da traição – estando ela no papel de traidor, traído ou traidor de si mesmo – pode trazer novas estruturas de funcionamento psicológico individual e do casal dentro da relação afetiva, ou até mesmo no funcionamento psicológico individual fora de tal relação.

Araújo (2011) apresenta que a resiliência existe desde que o mundo se constituiu como tal, definindo-se como uma capacidade latente para se curar, como uma possibilidade para se sobrepor às adversidades: “Pessoas dotadas dessa capacidade podem ser abatidas pelas vicissitudes da vida, mas retomam sua integridade, podendo se tornar mais fortes e mais resistentes ainda” (ARAÚJO, 2011, p.07).

A resiliência constitui-se como um processo dinâmico, que leva à superação da adversidade e à reconstrução do indivíduo que sofreu o evento traumático, trazendo uma noção consciente de esperança dentro da realidade vigente.

Guggenbühl-Craig (1980), em seu livro *O casamento está morto – viva o casamento!*, desenvolve a tese de que a relação conjugal pode ser uma via de individuação no processo pessoal de cada um. Os desafios impostos pela convivência com o parceiro e a necessidade de harmonização e convivência em sociedade com o outro promovem a individuação à medida em que forçam o indivíduo a trilhar o caminho que não escolheria voluntariamente, mas que se impõe pela escolha de um cônjuge.

Em tal formato há a possibilidade de uma escolha (consciente ou não) que cada parceiro pode fazer, que tange tanto a esfera individual como a da parceria. No entanto, quanto mais consciente cada parceiro estiver de sua escolha, tão consciente também será a necessidade de esforço para crescer junto e também separado: respeitando o espaço conjunto e também a própria individualidade e vida interior.

Assim, além da traição ao outro, podemos refletir acerca da traição a si mesmo: a traição ao processo de individuação, a traição dos desejos, sentimentos e sensações – as quais em nada se relacionam com o parceiro, mas sim com a vida experienciada por cada um.

Nesse contexto, podemos pensar que no processo pessoal pode haver a traição e a possibilidade de um comportamento resiliente para lidar com esta situação adversa, transformando-nos e, principalmente, nos tornando mais conscientes de nós mesmos, de nossos parceiros e do mundo que nos cerca.

No presente estudo pretendemos compreender se a traição e a resiliência, de algum modo, se relacionam. Temos como intenção analisar o tema traição nos relacionamentos amorosos, tendo como referencial teórico a psicologia analítica.

Propomos uma revisão da literatura junguiana a respeito da traição e uma reflexão sobre os possíveis recursos de enfrentamento nesta situação. Temos a hipótese que para o traidor a traição pode ser um movimento de transformação. Pressupomos que a resiliência do indivíduo que trai deva ser diferente da do indivíduo traído.

Primeiramente, apresentaremos um capítulo sobre os conceitos propostos pelos autores que estudam o fenômeno da traição em relacionamentos amorosos, seus aspectos legais e históricos. Em seguida, discorreremos sobre definições, visões e conhecimentos propostos pelos principais autores sobre resiliência. Ato contínuo, explicitaremos os objetivos

e o método a ser utilizado neste estudo. Por fim, apresentaremos os resultados e a discussão e, no último capítulo, nos dedicaremos às considerações finais.

CAPÍTULO II – SOBRE A TRAIÇÃO

Em qualquer âmbito relacional, vivemos a possibilidade de sermos traídos, violados, ou de que um dos membros do relacionamento seja infiel. Não existe garantia em nenhuma relação e essa vulnerabilidade é vivenciada de diferentes maneiras pelos parceiros na construção da relação de confiança, com várias nuances em culturas distintas.

A cultura ocidental tem instituído o modelo de casamento monogâmico, exigindo-se a exclusividade emocional e sexual do parceiro. Esse modelo é reforçado pelo ideal do amor romântico, no qual o outro é responsável por prover a sensação de completude e a felicidade plena da pessoa amada.

Ao falarmos sobre relacionamento amoroso, estamos nos referindo a todas as possibilidades de união nas quais esteja presente o compromisso. Como veremos em algumas exposições, autores analisam a traição também nas relações de namoro, amizade e família, pois a expectativa da fidelidade existe independente do nome dado ao vínculo amoroso.

O verbete traição tem como definição nos dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2009):

1 Ato ou efeito de trair. 2 Perfídia. 3 Entrega aleivosa. 4 Quebra aleivosa da fé prometida e empenhada. 5 Infidelidade conjugal. 6 Emboscada desleal; surpresa vil. 7 à traição: traiçoeiramente, aleivosamente. 8 Pelas costas, à falsa fé (AURÉLIO, Dicionário da Língua Portuguesa, 2010, verbete traição).

s.f. Ação de trair alguém; perda completa da lealdade que resulta de uma ação traiçoeira: perdeu o emprego por traição empresarial.

P.analogia. A infidelidade num relacionamento amoroso.

Jurídico. Crime que se configura pela ameaça à segurança da pátria ou de suas instituições. (Etm. do latim: traditio.onis) (HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa, 2009, verbete traição).

Outrossim, podemos definir traição como a quebra das normas e regras – explícitas ou implícitas – constituídas em cada relação amorosa, que valorizam o compromisso, a intimidade e a exclusividade. Tal traição pode ser caracterizada como envolvimento emocional e/ou físico e/ou sexual que, quando secreta, constitui um ato de deslealdade ao parceiro e promove a quebra da confiança estabelecida.

II.1. Aspectos históricos e legais do relacionamento conjugal

Para Vainfas (1992) o casamento está vinculado à formação da descendência e à transmissão do patrimônio. No final do Império Romano, a vontade dos noivos começou a ter alguma influência na união. Todavia, era comum relações entre homens casados e concubinas, sendo que a infidelidade feminina não era tolerada.

Na Roma Antiga, a intolerância à infidelidade feminina era perceptível na obrigação que a esposa tinha de não permitir ser violada, devendo garantir que os filhos fossem indubitavelmente descendentes sanguíneos do cônjuge. A fidelidade não se relacionava a um sentimento conjugal, mas era uma consequência do dever da mulher em garantir que seu cônjuge investiria com confiança em sua própria descendência (PEREIRA, 2009).

Com a difusão do Cristianismo, o casamento passou a ter significado simbólico e sacramental, sendo que os noivos o consentiam livremente (RICOTTA, 2002) – mas isso, no entanto, não significava escolha livre do parceiro.

No século IX, a Igreja passou a ser mais atuante e estabeleceu normas a respeito do casamento, como a de que o ato carnal não deveria

visar o prazer, mas a procriação, e a de que a esposa não poderia ser repudiada, salvo por adultério. Essas normas mostram a função reprodutora do casamento e reafirmam a importância da fidelidade feminina ao longo da história (VAINFAS, 1992).

Adiante, nos séculos XII e XIII, obrigava-se o ato carnal, mas se condenava o excesso. Os movimentos do ato deveriam ser controlados e não poderia haver paixão entre os parceiros, objetivava-se apenas a procriação. O lugar e o tempo do coito eram pré-estabelecidos, sendo o ato proibido, por exemplo, durante a gravidez e a menstruação, pois durante esses períodos não atenderia à sua função procriadora (VAINFAS, 1992).

A partir do século XV o amor entre os cônjuges não pertencia ao matrimônio, exceto quando se tratava de uma representação terrena da erótica celeste. Como foi banido do casamento, o amor buscava seu estímulo em relações ilícitas. Tal fato exemplifica um dos motivos da infidelidade nesta época (RICOTTA, 2002).

Com o Romantismo, no século XVII, o amor passou a ser considerado como força poderosa e a finalidade nobre da vida. Contudo, embora os homens falassem de amor, fugiam da sexualidade e a mulher apreciada era a acanhada e virgem. Ela deveria ser frágil, temerosa, necessitada de ser amparada por um homem robusto, caseiro e devotado à família (RICOTTA, 2002).

Ainda segundo Ricotta (2002), a Era Vitoriana, no século XIX, foi caracterizada por uma veneração à demonstração do amor romântico. O sexo no casamento não era mais considerado pecaminoso, mas algo da natureza inferior do homem, de modo que somente as prostitutas podiam manifestar desejos sexuais. Nos anos finais do século XIX e início do século XX alto foi o índice de prostituição e de doenças venéreas. O casamento era incompleto e insatisfatório. Portanto, nesse momento histórico, embora houvesse demonstração do amor romântico, a forma de amor estava ligada à

preservação da família e da sociedade e não era fonte de satisfação e realização pessoal.

O século XX foi considerado a “Era do Amor”, sendo que tal sentimento era dado como a condição para uma vida feliz. Houve combinação de sexo, amizade, afeto e procriação. As relações passaram a se voltar para o presente já que, com a Primeira Guerra Mundial, não se sabia se os parceiros estariam vivos sequer no dia seguinte (RICOTTA, 2002).

É possível perceber que as mulheres, ao longo da história, foram destinadas à dependência e à submissão, enquanto a infidelidade masculina era naturalizada. Importante, também, é perceber como a igualdade – ou aspiração de igualdade – entre os sexos no relacionamento conjugal ocidental é recente.

Com os primórdios do Movimento Feminista, ainda no século XX, as mulheres obtiveram diversas conquistas. Elas foram consideradas capazes de estabelecer amizade com seus maridos e, talvez o mais importante: passaram a ser consideradas como seres iguais. Nesse mesmo período, o divórcio passou a dispensar o consentimento eclesiástico (RICOTTA, 2002).

Em 1942, o Código Civil Brasileiro passou a estabelecer o desquite – dissolução da sociedade conjugal pela qual se separam os cônjuges e seus bens, sem quebra do vínculo matrimonial. Ou seja, tanto cônjuges como bens eram divididos, porém o laço matrimonial se mantinha, impossibilitando novos matrimônios para as duas partes. E, neste mesmo ano, ressaltou-se, foi ainda regulamentada a anulação do casamento (ABREU, 2005).

Muitos anos depois foi instituído o divórcio, por meio da Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977, permitindo que, após ele, as partes contraíssem um novo matrimônio. Destaca-se que a possibilidade do rompimento do casamento surgiu a partir da emancipação feminina, liberdade sexual e a valorização do amor no relacionamento conjugal (COSTA, 2006).

Notamos que, ao longo de toda a história, a mulher foi tida como propriedade do pai e, depois de casada, do marido. Natural e esperado que as emoções e sentimentos da mulher fossem entendidos como pertencentes e de domínio exclusivo do seu par.

O contexto histórico do casamento, em termos do patriarcado e da desigualdade de poder que existe em todo mundo há séculos (...) a infidelidade era uma prerrogativa absoluta apenas para os homens (...) (SCHEINKMAN, 2008, p.51-9).

Nos dias atuais, por sua vez, o amor passou a ser mais importante do que o ato de procriar e muitas mulheres puderam passar a viver o casamento dissociado do sustento – por terem alcançado, inclusive, independência financeira.

A maior independência econômica e emocional da mulher modificou significativamente o quadro do casamento nos últimos anos, visto que esse é caracterizado pela busca do sentimento amoroso e de prazer sexual – ao invés de uma relação de dependência econômica e afetiva (COSTA, 2006).

Enfim, a maioria das pessoas casa-se nos dias de hoje buscando satisfação pessoal e prazer no casamento. Buscam também o amor mútuo, que é considerado a base do relacionamento conjugal – o que, como se viu até aqui, é muito recente em nossa história.

II.2. Traição e seus padrões

Para retratarmos o conceito da traição devemos olhá-lo dentro do modelo cultural no qual está inserido.

O modelo vigente pressupõe que as parcerias monogâmicas e duradouras são consideradas saudáveis para casais obterem troca de afetos – emocional e sexual – além de proporcionarem vínculos de apego

estruturantes e confortáveis para a chegada dos filhos e a construção do sistema familiar.

É importante destacar que, embora para o Código Civil Brasileiro (2002) a fidelidade seja dever matrimonial e a quebra dela seja justificativa para separação ou divórcio, a traição ou o adultério não se constitui mais crime desde a entrada em vigor da Lei nº 11.106, de 28 de março de 2005 que revogou o artigo 240 do Código Penal – no qual adultério encontrava-se tipificado como crime. Desta forma, o adúltero não perde mais seus direitos e nem há mais a possibilidade de que ele seja preso. Embora a traição conjugal não seja mais considerada crime, o dever da fidelidade é destacado pelo Código Civil.

O conceito de infidelidade de Pittman (1994) pressupõe uma perspectiva moralista e bastante contrária à infidelidade, colocando-a como o “trauma da traição” para o casal, com direito à presença de um vilão e de uma vítima, com a infidelidade e a traição sendo colocadas como sintoma que precisa ser “curado”.

Pittman (1994) ainda relata padrões para a infidelidade, dividindo-os em quatro grupos:

1) Infidelidade acidental:

São os atos sexuais não planejados, incomuns, que simplesmente aconteceram, deixando todo mundo desorientado. Talvez a maioria das traições iniciais seja assim, e o que acontece no resto da vida da pessoa depende de como o traidor define a situação (PITTMAN, 1994, p.100).

2) Namoro:

É aquela atividade sexual habitual que parece natural para o namorado, e é motivada mais pelo medo e desejo em

relação ao sexo oposto do que por quaisquer forças dentro do casamento ou pelo relacionamento sexual imediato (PITTMAN, 1994, p.100).

3) Casos românticos:

São aqueles estados de louca paixão que enevoam as mentes das pessoas e as fazem esquecer seu casamento e sua família (PITTMAN, 1994, p.100).

4) Arranjos conjugais:

São tentativas de manter uma distância que é desejada por um dos parceiros. Eles variam de suplementos sexuais a casos extravagantes de vingança que mantêm casamentos turbulentos em um estado de intensa paixão e ciúme. O sexo acontece fora do casamento, mas a emoção ainda se dirige a ele (PITTMAN, 1994, p.100).

Ainda revela Pittman (1994) de que modo a traição deve ser tratada, reforçando a compreensão e discussão sobre o tema:

Honestamente, é seguro falar abertamente sobre casos. Fazer isso salva vidas e casamentos. [...] A infidelidade não é um comportamento normal, mas um sintoma de algum problema. [...] Casos são perigosos e podem facilmente, e inadvertidamente, acabar com casamentos. [...] Casamentos podem, com esforço, sobreviver aos casos se estes forem expostos (PITTMAN, 1994, p.30).

Partimos da visão de que existem muitas possibilidades e tipos de traição, nos mais diferentes graus. No trabalho em tela, porém, nos debruçaremos – particularmente – sobre os aspectos relativos à traição no relacionamento amoroso de casais.

Devemos ter também em foco que nem toda traição destrói, assim como nem toda pessoa que possivelmente descobre uma traição se sente magoada.

Muitas vezes somos impelidos à necessidade de se “saber tudo o que aconteceu”. A teoria da transparência total e da verdade absoluta assumida e iniciada por Pittman (1994) concebe a crença de que o relato com minuciosidade pode compreender ou recuperar algo da relação, mas é também totalmente é ilusório.

Podemos pensar em novos arranjos e padrões de traição conjugal, não inteiramente consonante com Pittman (1994), mas com uma perspectiva mais atual das relações amorosas modernas.

Na perspectiva de Costa (2006), as motivações para a traição sexual podem ser geradas pelo próprio relacionamento conjugal – muitas vezes ocasionando diferentes tipos de triângulos amorosos:

1) Consentido: um dos cônjuges mantém com o outro uma relação materna e tolera que se ligue a um terceiro, desobrigando-o de uma vida sexual;

2) Piedoso: existe uma limitação física ou psíquica que é reconhecida pelo que se deixa enganar;

3) Perverso: o outro é induzido a desempenhar um papel que satisfaça suas fantasias;

4) Maturativo: a infidelidade é induzida com o objetivo de buscar o modelo desejado;

5) Tampão: por meio dos relacionamentos extraconjugais o indivíduo atenua o medo de ser abandonado pelo cônjuge;

6) Oculto: característico de indivíduos que apresentam divisão de personalidade, o que os leva a ter relacionamentos simultâneos;

7) Triângulo amoroso por competição: o cônjuge se sente excluído quando a esposa está grávida ou se dedicando exclusivamente ao filho recém-nascido, por exemplo;

8) Incestuoso: quando os cônjuges possuem aproximadamente a mesma idade e um deles busca alguém que represente pai/mãe, ou ainda quando um indivíduo se casa com alguém que represente pai/mãe e busca outro parceiro para satisfação sexual;

9) Vingativo: ocorre quando a pessoa sente-se frustrada ou maltratada pelo cônjuge e esforça-se para que ele saiba de sua infidelidade;

10) Reconstutivo: o indivíduo reencontra-se com alguém ligado ao passado e através de relacionamento extraconjugal tenta preencher uma lacuna em sua vida afetiva.

No ideal romântico de relacionamento amoroso pressupomos que o parceiro deve satisfazer as necessidades afetivas, sensoriais, intelectuais e sexuais. Isso acarreta uma enorme expectativa para a manutenção do amor, que culmina em inúmeras frustrações. O desejo, nessa situação, seria a ambivalência entre confiança e traição e/ou aprisionamento e liberdade.

Scheinkman (2008) salienta que: “Reprimindo o desejo, paradoxalmente, criamos as condições ideais para transgressões sexuais” (p. 55). Podemos, assim, pensar que quanto mais restritivo for um relacionamento amoroso, maior será a vontade de liberdade, podendo essa ser encontrada em outros lugares que não o relacionamento amoroso propriamente dito.

Pasini (2010), por sua vez, afirma que nem sempre a traição é uma derrota. Por detrás da traição podem estar a necessidade de liberdade, de

independência e de plenitude – “dentro de nós existe a força de escolha individual, que se exprime forçando os próprios limites”. A traição significaria, para o autor, a renúncia ao conforto e as seguranças do cotidianas.

O autor acredita que a busca pelo casamento corresponda à busca pela esperança de uma conexão afetiva, intensa e segura:

O casamento, portanto, é visto como uma “gruta”, pois deve oferecer um sentimento de segurança; mas deve também, e ao mesmo tempo, ser um “vulcão”, com a possibilidade de erupções surpreendentes – de estímulos e de ideias –para evitar a monotonia da vida do dia a dia (PASINI, 2010, p.12).

Podemos pensar, portanto que o sentimento de frustração predispõe os cônjuges à traição. Pasini (2010, p. 42-54), uma vez mais, elucida algumas de suas causas: a) a existência de outro amor; b) a não mais existência da paixão; c) o tédio; d) a represália; e) o sexo; f) a transgressão; g) o medo da velhice; h) o “reforço” da identidade; i) o medo da intimidade; j) o desejo de ternura; k) a realização do complexo de Édipo; e, por fim, l) o desejo de ter duas pessoas ao invés de uma.

Ainda nos traz Pasini (2010) uma crítica frente a nossa sociedade atual, na qual narcisismo e egocentrismo estão exacerbados; na qual o desejo próprio prevalece e tal desejo deve ser satisfeito imediatamente: “eu escolho essa relação ‘por enquanto’ (no sentido do momento e do provisório), e se depois for mal, escolherei coisa alternativa” (PASINI, 2010, pg.14).

Numa pesquisa sobre infidelidade no contexto familiar, Figueiredo (2013), apresenta como infidelidade ou traição, qualquer forma de envolvimento romântico e/ou sexual, de curto ou longo período, que ocorre enquanto o indivíduo está em um relacionamento com outra pessoa. Seus impactos são diversos, especialmente no que se referem às perdas do que se esperava para si, para o parceiro e para o relacionamento. A autora compreende a traição como uma perda ambivalente e ambígua, dado que

mesmo com a presença do parceiro infiel, este não é visto da mesma maneira, ocorrendo mudanças em seu papel na família.

Aragão (2014), em sua pesquisa sobre comportamento relacional da geração Y – pessoas nascidas em meados anos de 1970 até a década de 1990 – mostra que nos últimos 60 anos modificaram-se as formas de pensar o mundo e as relações sociais. Em meio à ambiguidade gerada pela relativização dos valores, os relacionamentos amorosos acompanharam essa mudança e se desdobraram em múltiplas possibilidades, tornando-se mais líquidos e fluidos.

Uma pesquisa que visa compreender o que buscam os usuários de um site de infidelidade, Zerbini (2014) apresenta que a infidelidade é um tema recorrente na clínica com casais e com o advento da internet, novas modalidades de envolvimento extraconjugais passaram a fazer parte da dinâmica conjugal. A autora aponta que a internet funciona como um elemento facilitador para a infidelidade por associar anonimato aos contatos e privacidade aos envolvidos.

Acreditamos que as histórias de traição sempre permearam os relacionamentos amorosos ao longo da história humana. O que temos hoje é a inovação das ferramentas que as permitem de formas mais sutis e sofisticadas, nos mais diversos ambientes, como por exemplo o mais difundido deles: a internet.

CAPÍTULO III – SOBRE A RESILIÊNCIA

1 Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação. 2 Capacidade de superar, de recuperar de adversidades (AURÉLIO, Dicionário da Língua Portuguesa, 2010, verbete resiliência).

s.f. Figurado. Habilidade de se adaptar com facilidade às intempéries, às alterações ou aos infortúnios. Física. Característica mecânica que define a resistência dos choques de materiais. Física. Particularidade apresentada por certos corpos, quando estes voltam à sua forma original, depois de terem sofrido deformação elástica. (Etm. do latim: resiliencia/ pelo inglês: resilience) (HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa, 2009, verbete tração).

III.1. Origem e evolução do conceito de resiliência

O termo é originário da física e significa a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo é devolvida quando a tensão causadora de uma deformação elástica se acaba. Traz em si a ideia de ir além, de superar, de transpor obstáculos.

E foi exatamente nesse contexto que tal palavra foi adaptada para campo da psicologia, relacionando à capacidade de regeneração, adaptação e flexibilidade. Em resumo: lidar com as dificuldades e tomar as rédeas da própria vida é o que nos torna alguém resiliente.

Quando do início das pesquisas sobre resiliência – nos anos de 1970, nas quais o foco era basicamente crianças – o que mais chamou a atenção foi a capacidade das crianças que, expostas a situações muito inadequadas, conseguiam ter uma adaptação bem sucedida e chegavam à vida adulta com sucesso pessoal e profissional, diferentemente da predição de seus observadores.

A importância foi dada aos atributos individuais que, então, poderiam ser estimulados em outros indivíduos. Com isso, muitos trabalhos foram publicados trazendo referências sobre resiliência como um traço de personalidade (ARAÚJO, 2006; YUNES e SZYMANSKI, 2002; MELILLO et al., 2005; RUTTER, 1970, 1993 e 1999; LUTHAR et al., 2000; GROTBORG, 2005; INFANTE, 2005; MASTEN, 2001).

As primeiras associações do fenômeno da resiliência se fizeram em termos de invencibilidade e invulnerabilidade (YUNES e SZYMANSKI, 2002), como que buscando respostas para o surgimento de um ser sobre-humano, imune às vicissitudes e adversidades da vida. Segundo Souza e Cerveny (2006), os estudos pioneiros sobre resiliência estavam ligados às teorias da psicopatologia, estresse e desenvolvimento, sendo definida, então, como "um conjunto de traços de personalidade e capacidades individuais" (SOUZA e CERVENY, 2006, p.119). No entanto, logo esses parâmetros foram superados, o foco mudou do indivíduo para as interações da pessoa com o meio e suas formas de superação ou adaptação da adversidade no ambiente.

Os autores mais atuais veem a resiliência como um processo dinâmico, decorrente de vários fatores que atuam entre si. Nesse processo, ademais, se alinham diversos componentes e circunstâncias, não só próprios de cada pessoa, mas também aqueles coletivos, decorrentes do ambiente sociocultural e ecológico onde está inserido o indivíduo. Essa complexa interação é que trilha o caminho para o estudo do conceito (ARAÚJO, 2006; MASTEN, 2001; WALLER, 2001; MELILLO et al., 2005; OJEDA, 2005; RUTTER, 1999).

No conceito atual, a resiliência se constitui como um processo dinâmico que envolve a interação de processos sociais e intrapsíquicos de risco e de proteção, sendo estes polifacetados, dinâmicos e flexíveis. Por isso, em crises enfrentadas relacionadas à doenças, guerras, situações traumáticas, algumas pessoas conseguem uma adaptação satisfatória na vida afetiva, na vida social e no trabalho – outras pessoas não.

O desenvolvimento humano é um processo contínuo, no qual capacidades e habilidades do indivíduo estão sempre em atualização dentro do contexto sociocultural e ambiental em que ele está presente e com o qual estabelece relações. Nesse percurso, geralmente encontramos desafios que exigem adaptabilidade, visando a superação e enfretamento da situação – porém, algumas pessoas se mostram mais adaptadas do que outras, diante de situações adversas.

Reelaborar e ressignificar problemas, reduzindo o impacto da situação traumática vivida, superar e construir caminhos perante circunstâncias difíceis é a base do conceito contemporâneo denominado resiliência.

III.2. Resiliência, seus principais autores e conceituações

A temática abrange diversas linhas de pesquisas de abordagens distintas, o que, além de gerar muitas controvérsias, algumas vezes resultam em políticas de atuação diferentes.

Um dos pesquisadores pioneiros da noção dinâmica de resiliência, Rutter (1987), aponta para um processo interativo entre a pessoa, seu ambiente familiar, social e cultural. Propõe um conceito de mecanismos protetores, ou seja, condições que ajudam no desenvolvimento saudável e positivo, apesar do risco ambiental. O mesmo autor mostra que o risco deve ser visto como um processo e não como uma variável isolada, variando de acordo com as circunstâncias de vida. Assim, um mesmo evento pode aparecer como risco em uma situação, e, em outra, como proteção.

Rutter (1987) descreve ainda quatro principais mecanismos de proteção: a) redução do impacto de riscos; b) redução das reações negativas em cadeia, que seguem à exposição da pessoa ao risco; c) estabelecimento e manutenção de autoestima e da auto-eficácia, de acordo com a existência de relações de apego seguras e ao sucesso no cumprimento das tarefas da

vida; e d) criação de oportunidades, com a possibilidade de transformar uma trajetória de risco em um caminho adequado e satisfatório.

Para o autor, a resiliência não é uma característica fixa, ou um produto: ela pode ser desencadeada e desaparecer em determinados momentos da vida, ou estar presente em algumas áreas do desenvolvimento do indivíduo e ausente em outras.

Luthar et al. (2000) definem resiliência como um processo dinâmico com o resultado da adaptação positiva em situações de adversidade, e diferenciam três componentes essenciais que devem estar presentes: a) a noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano; b) a superação da adversidade; e c) a dinâmica equilibrada entre mecanismos emocionais, cognitivos e sociais, essenciais para o desenvolvimento humano.

Já para Grotberg (2005), resiliência se define como “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido e/ou transformado por experiências de adversidade”. Ainda segundo ela, a resiliência é um processo dinâmico e não uma simples resposta à adversidade, sendo necessária a interação de fatores resilientes de quatro categorias diferentes: 1. “eu tenho” (apoio); 2. “eu sou e eu estou” (relativo ao desenvolvimento da força intrapsíquica); 3. “eu posso” (aquisição de habilidades pessoais para solução do conflito); e 4. conduta resiliente, que exige preparar, viver e aprender com as experiências adversas ou traumáticas.

A resiliência deriva da relação do sujeito com seu entorno, promovendo um desenvolvimento favorável, proporcionando bem-estar e uma maior flexibilidade diante de um sofrimento advindo de uma situação traumática. Distinguem-se duas polaridades: a da adversidade, representada por experiências desfavoráveis, e a da proteção, que está voltada para a compreensão de fatores internos e externos ao próprio indivíduo. Os fatores internos estão relacionados às interações entre os âmbitos biológico e

psicológico e os fatores externos, por sua vez, se encontram ligados aos contextos familiar e social no qual o indivíduo está inserido.

A resiliência se constrói em função do desenvolvimento dos processos psíquicos e sociais. Não se nasce resiliente e nem se adquire resiliência “naturalmente”. Dependemos de certas qualidades na interatividade com outros seres humanos, que são necessários para a construção de nossa psique (MELILLO et al., 2005).

As experiências de adversidade e de dificuldade podem transformar as pessoas, independente do evento estressor. É possível vislumbrar possibilidades de fortalecimento do vínculo com a vida. Isso é ser resiliente. Igualmente é importante que a família e o grupo social, principalmente nos primeiros tempos de vida, proporcionem suporte emocional estável, adequado e ajudem a desenvolver autonomia, crescimento, confiança e amor nas relações interpessoais.

Grotberg (2005) salienta que:

1. a resiliência está ligada ao desenvolvimento e crescimento humano, levando em conta as diferenças de gênero e de idade;
2. para promover fatores de resiliência e apresentar condutas resilientes os indivíduos precisam de estratégias diferentes;
3. não há relação entre níveis socioeconômicos e a resiliência;
4. a resiliência é diferente de fatores de risco e de proteção;
5. a resiliência pode ser mensurada e é parte integrante da saúde mental e da qualidade de vida do indivíduo;
6. a aceitação de novas posições ou estados no desenvolvimento humano diminuem o impacto nas diferenças culturais;

7. prevenção e promoção são alguns conceitos ligados à resiliência;

8. a resiliência é um processo dinâmico.

Segundo Yunes (2006), muitos estudos sobre resiliência partem de uma nova epistemologia: a chamada psicologia positiva, em contraposição à vertente ortodoxa, tradicional da psicologia, estudada com base nas manifestações psicopatológicas.

A nova abordagem, por sua vez, dá ênfase aos aspectos positivos do universo psíquico, tais como felicidade, otimismo, altruísmo, esperança e alegria, tidos como salutogênicos em face dos correspondentes: depressão, ansiedade, angústia e agressividade.

De acordo com Araújo (2006, p.92), a resiliência tem suas raízes no desenvolvimento humano: "uma auto-estima valorizada pode ser considerada a base para que o processo de resiliência se instale". Explica ainda a autora que a resiliência é adquirida e se desenvolve "na inter-relação com os outros significativos" ao longo da vida do indivíduo. Afirma, ademais, que "resiliência é um potencial humano, presente nos seres humanos em todas as culturas e em todos os tempos, é parte de um processo evolutivo e pode ser promovida desde o nascimento" (ARAÚJO, 2006, p.86).

Não obstante, segundo a autora, surgiram na última década muitos trabalhos que dão importância à competência social como facilitador ou promotor de um desenvolvimento adequado, lembrando que a condição adversa, ou adversidade, está relacionada a "uma relação entre o indivíduo e o ambiente, que ameaça a satisfação das necessidades básicas e as competências para desenvolver papéis sociais de valor". Assim, a autora relaciona o bem-estar e o crescimento como decorrência "de um processo de desenvolvimento onde existiu um entendimento e um atendimento às necessidades básicas de nutrição, proteção, segurança, valorização e amor" ao longo da vida do indivíduo, "favorecendo a possibilidade de aproveitar os

recursos do ambiente, para treinar as competências necessárias em cada fase da vida" (ARAÚJO, 2006, p.88).

Em síntese, para Araújo (2010), os fatores de risco estão relacionados a todos os eventos da vida (não só os adversos), mas a proporção do risco é extremamente mutável dentro de cada pessoa e de grupo para grupo.

Araújo, Mello e Rios (2011) consideram que a resiliência engloba dois pilares básicos: a adversidade e a adaptação positiva. É um processo dinâmico, determinado pelo reconhecimento de fatores externos e internos que permitem o acionamento das capacidades próprias do indivíduo. A possibilidade de resignificar uma experiência adversa, que tenha causado um desequilíbrio no funcionamento global de indivíduo, considerando-a como potência para o desenvolvimento, individuação e fortalecimento de vínculo com a vida, é competência da resiliência.

Existe, ainda, um conjunto de atributos necessários relacionados à resiliência: inteligência, persistência, otimismo, disciplina, generosidade, disponibilidade para o outro, capacidade amorosa, flexibilidade adaptativa, consciência de protagonizar a sua história, de se responsabilizar por sua ação e a possibilidade de dar significado às experiências vividas.

Portanto, o indivíduo precisa ser ativo em suas experiências e não vítima passiva de suas circunstâncias. A complexidade dos fatores envolvidos no processo da resiliência requer uma integração do indivíduo em seus domínios biológicos, ambientais, sociais e culturais. Nessa linha de raciocínio, Cyrulnik (2007) aponta que para a construção da resiliência é necessário um trabalho intenso e constante de elaboração mental.

Dessa maneira, as vivências malsucedidas no percurso do desenvolvimento humano não são inteiramente determinantes para o insucesso na vida de uma pessoa – podem as relações entre o indivíduo e o

meio promover fatores de resiliência, proporcionando novas perspectivas de flexibilidade e melhor qualidade de vida (CYRULNIK, 2011).

Embora seja um tema bastante atual e que abrange uma série de polêmicas e controvérsias, existem algumas considerações que caminham em uníssono entre os teóricos que discutem o tema: os vários fatores que interatuam para que haja resiliência – chamados “riscos” – também entendidos como as circunstâncias que representam ou favorecem as situações adversas – sejam elas situações de proteção, que são as contingências capazes de transformar os riscos no sentido de repará-los ou até mesmo preveni-los, ou fatores de resiliência, que são aqueles que enfrentam os riscos ou adversidades.

Jamais conseguimos liquidar nossos problemas, sempre resta deles algum vestígio, mas podemos dar-lhes uma outra vida, mais suportável e, às vezes, até bonita e com sentido. (CYRULNIK, 2004)

III.3. Resiliência na Psicologia Analítica

Acreditamos que um dos pontos fundamentais do fenômeno da resiliência é a adaptação positiva do indivíduo diante de uma adversidade.

Na psicologia analítica, como cediço é, o processo de adaptação de um indivíduo sugere o equilíbrio entre as demandas externas, ambientais, e as necessidades internas ou subjetivas.

Vale a citação de elucidativo de Jung (1998 [1928]):

O homem (...) só poderá corresponder plenamente às exigências da necessidade exterior, de maneira ideal, se se adaptar também ao interior, ou seja: se entrar em harmonia consigo mesmo. E, inversamente, só poderá adaptar-se ao seu próprio mundo interior e estar em harmonia consigo

mesmo se se adaptar também às condições do mundo ambiente (JUNG, 1998 [1928], §75).

A adaptação é um processo dinâmico e muito variável, assim como as condições da vida. Para Jung (1988 [1958], §143), o contínuo fluxo da vida “requer uma sempre e cada vez mais nova adaptação”.

O chamado “contínuo fluxo da vida” ocorre desde o nascimento quando, na formação da consciência, a energia psíquica flui para o mundo externo em busca de um campo intersubjetivo a partir do qual possa encontrar cuidados e interlocução. Esse fluxo de energia – ou libido – é chamado por Jung (1998 [1928], §77) de progressão, referindo-se a um movimento vital que avança assim como o tempo, ou até mesmo o desenvolvimento psicológico que se dá ao longo da vida. Pode ser entendido como “um avançar incessante do processo quotidiano de adaptação psicológica” (JUNG, 1998 [1928], §60).

Porém, quando ocorre alguma dificuldade ou obstáculo que impede o avanço da libido – ou seja, quando aquela forma anterior de adaptação às circunstâncias deixa de ser funcional no sentido do desenvolvimento da consciência do indivíduo – surge um conflito. A progressão é interrompida e a libido se retroverte, dando lugar a um processo que Jung chama de regressão, referindo-se ao “movimento retrógrado da libido” (JUNG, 1998 [1928], §62). Aqui o movimento do fluxo vital é para trás, para um modo anterior de adaptação, ou para o inconsciente, a partir do qual, em momento hábil, se gestará um novo símbolo ou um ou uma nova visão de mundo.

A consciência lida com os fenômenos de maneira dirigida e, portanto, durante o contínuo processo de adaptação do homem, o que não serve para atender às suas necessidades instantâneas de adaptação é excluído e vai para o inconsciente. Muitos conteúdos são alojados em tal esfera, juntamente com as atitudes que não são mais adequadas ou comportamentos indesejáveis e potencialidades que não foram realizadas.

O processo de regressão pode trazer de volta à consciência aquilo que foi eliminado anteriormente e, embora nesse processo possam ocorrer reativações de desejos e fantasias infantis, ele possibilita o aparecimento de atitudes que equilibram, ou contrabalançam, a atitude consciente que se tornou inadequada à adaptação.

Diferentemente de Freud, Jung (1998 [1928]) entende que não devemos ver no inconsciente apenas restos “rejeitados da vida ordinária ou experiências primeiras desagradáveis e censuráveis do homem animal, mas que aí também se encontram os germes de novas possibilidades de vida” (JUNG, 1998 [1928], §63).

Naturalmente os processos de adaptação podem falhar e o conflito levar à cisão da personalidade, dando origem aos quadros característicos dos transtornos mentais. Caso contrário, efetuada a adaptação interior, o processo de progressão é reiniciado e assim por diante, até que nova atitude tenha que ser desenvolvida, sempre que o fracasso da atitude consciente leve ao represamento da libido, forçando a consciência a submeter-se aos valores regressivos.

Nas palavras de Jung (1998 [1928]), “a regressão conduz à necessidade de adaptação à alma, à adaptação ao mundo interior da psique” (JUNG, 1998 [1928], §66). Entende-se, pois, que a regressão “enquanto adaptação às condições do próprio mundo interior, assenta na necessidade vital de satisfazer as exigências da individuação” (JUNG, 1998 [1928], §75).

Nota-se, portanto, que a regressão é tão importante quanto a progressão no processo de adaptação e desenvolvimento psicológico. “A concepção finalista vê as coisas como meios ordenados para um fim” (JUNG, 1998 [1928], §43) ou seja, indica uma orientação mais para fins ou propósitos que para causas.

Sob o enfoque da psicologia analítica, podemos entender a adversidade como uma situação que exige da consciência outros recursos,

ainda desconhecidos, para adaptar-se – onde são apresentados ao “eu” obstáculos capazes de interromper o movimento natural de adaptação da psique, ou seja, o processo de progressão.

Já na situação adversa instaura-se o conflito e os pares de opostos dentro da consciência, que até então caminhavam lado a lado, em equilíbrio de valores, deixam de fazê-lo, ocasionando o represamento da libido – pois um ou outro se neutraliza na colisão, paralisando o fluxo de energia da psique.

Como resultado dessa contenção, tem-se a regressão na qual os conteúdos, antes inconscientes, adquirem força e começam a influenciar a consciência, até que seus elementos vão se integrando e passam a compor uma nova consciência, agora transformada e ampliada. É isso exatamente o que requer o processo resiliente. Nas palavras, uma vez mais, de Jung:

Depois de oscilações inicialmente violentas, os opostos tendem a equilibrar-se e surge pouco a pouco nova atitude cuja estabilidade subsequente será tanto maior, quanto mais acentuada tiverem sido as diferenças iniciais (JUNG, 1998 [1928], §49).

O conflito caracterizado por atitudes opostas leva ao represamento da energia vital, que só se desfaz porque a tensão entre os opostos produz um novo símbolo que as transcende. A chamada “função transcendente” faz parte da autoregulação da psique e, em situações de conflito, é ela que, por meio da simbolização, possibilita à consciência assimilar materiais inconscientes. Então, a paralisação é superada e a vida “pode continuar fluindo com novas forças e novos objetivos” (JUNG, 2013 [1921], §916).

A dinâmica apresentada até aqui, se bem sucedida, caracteriza exatamente aquilo que chamamos de processo resiliente: as adversidades são superadas dando lugar a transformações e ganhos positivos e,

principalmente – por se tratar de um processo guiado pelo *Self*¹ – passa considerar a dimensão coletiva e transcendente do indivíduo.

A experiência psicológica de todos os dias nos dá abundantes provas da justeza desta afirmação: os conflitos mais penosos, quando superados, deixam na sua esteira uma segurança e uma paz ou um abatimento que será difícil perturbar ou difícil curar, e inversamente: serão necessários precisamente opostos fortíssimos e sua conflagração, para que se produzam resultados valiosos e duradouros (JUNG, 1998 [1928] §50).

Samuels (1988), por sua vez, ensina que as adversidades para Jung são inerentes à vida humana, em função de sua natureza, e muitas vezes se apresentam em forma de doença. Quando tais obstáculos não são excessivos, podem, muitas vezes, oferecer situações oportunas para “reflexão sobre formas impróprias de adaptação do ego, de modo que se tenha uma oportunidade de descobrir atitudes mais adequadas e fazer os ajustes necessários” (SAMUELS, 1988, p.54).

Além disso, Samuels (1988) lembra que “a integração de experiências problemáticas pode ser considerada como propiciada pelo *Self* e eventualmente levar a individuação”, ou seja, o sintoma é positivo na medida em que leva o indivíduo a restabelecer a relação ego-*Self* no sentido de sua evolução.

(...) há muitos casos em que os sintomas apresentam de maneira clara um significado simbólico mesmo na ausência de qualquer patogênese psicológica. Não se pode dizer que

¹ *Self* é descrito por JUNG (1988 [1976]) como aquilo que somos e ainda não conhecemos e que precisamos conhecer, é o centro da totalidade e a psique como um todo, expressa a unidade e totalidade da personalidade, engloba o conhecido e o não-conhecido. O *Self* é o ‘regente’ da psique, por meio do eixo ego-self, é que este arquétipo se manifesta na consciência, tendo como seu núcleo o complexo do ego. *Self* é percebido pela nossa consciência como algo que está além da nossa compreensão, como algo misterioso e divino. Como uma força positiva, gigantesca, que abrange a todo o universo. Possibilita a união de polaridades, age como um centro integrador, favorecendo a não fragmentação da psique.

todo sintoma seja um desafio e que toda a cura ocorra no espaço intermediário entre a psique e o físico. (...). Quando esses dois aspectos atuam juntos, pode facilmente acontecer que a cura se dê no espaço intermediário ou, em outras palavras, que ela consista numa *complexio oppositorum*, como o lápis (JUNG, 2002a, p.33).

Samuels (1988), uma vez mais, ensina que, embora Jung entenda a neurose como uma falha provisória no exercício da tendência natural da função autoreguladora da psique, postula que “os sintomas neuróticos podem ser vistos como algo a mais que resultantes de um distúrbio ou desequilíbrio subjacente. Podem ser considerados tentativas para uma auto-cura”, pois chamam a atenção do indivíduo para o fato de que está fora de equilíbrio, sofrendo de uma desordem (SAMUELS, 1988, p.135).

Em outras palavras, entende o sofrimento como significativo, potencialmente criativo, sugerindo que a etiologia da neurose pode ser outra e não somente a patológica, que pode passar a desempenhar um papel positivo no desenvolvimento do indivíduo.

Nessa mesma direção, Ramos (2006) aponta a doença orgânica como uma expressão simbólica que tem por finalidade compensar uma atitude unilateral da consciência, “uma reação do organismo, uma compensação, com a finalidade de levar o indivíduo a integrar o reprimido, religar o ego a seu Self” (RAMOS, 2006, p.73).

Concluimos, por derradeiro, que na psicologia analítica as adversidades vividas, sejam elas doenças ou não, fazem parte de um processo que tem por finalidade última a transformação do indivíduo. Compõe, em síntese, o curso natural da vida que nos induz à realização plena de nossa totalidade.

A resiliência, nesse contexto, corresponde ao sucesso do processo de adaptação, quando esse inclui a integração de conteúdos antes

inconscientes, tornando o indivíduo mais consciente, flexível e capaz de transformações adaptativas, bem como mais estável.

CAPÍTULO IV – OBJETIVOS

O presente trabalho visa estudar o tema traição nos relacionamentos amorosos, sob o enfoque da psicologia analítica.

Para tal, colocam-se dois objetivos;

1. realizar uma revisão da literatura junguiana a respeito da traição;
2. verificar a existência de relação entre traição e resiliência e buscar compreendê-la.

Temos como hipótese a possibilidade de existência de uma relação entre traição e resiliência, sendo que o processo de resiliência do indivíduo que trai é diferente do processo de resiliência do indivíduo traído, por lidarem com adversidades de ordens diferentes.

CAPÍTULO V – MÉTODO

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de revisão de literatura acerca do tema traição na perspectiva da psicologia analítica.

Temos como hipótese a possibilidade de existência de uma relação entre traição e resiliência, sendo que o processo de resiliência do indivíduo que trai é diferente do processo de resiliência do indivíduo traído, por lidarem com adversidades de ordens diferentes.

Com o escopo de viabilizar o trabalho vertente foram consultadas as principais revistas de publicação científica em psicologia analítica (*The Journal of Analytical Psychology*, *Spring Journal* e *Junguiana*). Utilizamos – da abordagem da psicologia analítica – livros, teses e dissertações da biblioteca da PUC-SP, USP, pesquisas nos sítios da internet de publicação acadêmica (SciELO e Google Acadêmico), bem como demais bibliotecas de psicologia que se teve acesso na cidade de São Paulo.

Para a consulta dos artigos foi feito um corte temporal, com remissão limitada a quinze anos; para as demais publicações não foi realizado qualquer corte, de forma a englobar tanto obras de autores junguianos mais recentes como autores junguianos clássicos que publicaram livros importantes anteriormente – como o próprio C. G. Jung e suas Obras Completas.

Mediante a leitura das propostas dos autores que discutem o tema, foram estabelecidas três categorias para descrição e análise dos resultados: 1. A traição como símbolo; 2. A análise da traição; 3. O mundo virtual e a traição. Os livros, textos, artigos e palestras, por sua vez, foram organizados em torno de cada categoria com o escopo de estruturar os resultados e a discussão.

Para o estabelecimento das duas primeiras categorias nos baseamos na proposta de Jung (2013 [1912]) para interpretar conteúdos do inconsciente, que utiliza dois métodos opostos complementares: o método sintético, que utiliza a amplificação dos símbolos, e o método redutivo, que se relaciona aos instintos primitivos.

O método sintético – também chamado de construtivo – se refere à elaboração de produtos inconscientes como se fossem uma expressão simbólica, a qual antecipa a fase de desenvolvimento psicológico – desenvolvimento esse no sentido de evolução no processo de individuação, postulado por Jung.

Já o método redutivo de interpretação psicológica, por sua vez, considera o produto inconsciente como signo, sintoma ou instinto de um processo subjacente, reconduzindo o conteúdo aos processos mais básicos da psique.

Procuramos, por derradeiro, mediante a leitura das propostas dos autores que discutem o tema, em cada categoria, verificar a existência – ou não – de relação entre traição e resiliência.

CAPÍTULO VI – RESULTADOS E DISCUSSÃO

VI. 1. Artigos pesquisados

Aqui apresentamos a pesquisa de teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso, artigos e periódicos realizados ou publicados sobre o tema deste trabalho no enfoque da psicologia analítica. A consulta foi realizada em sites de produção acadêmica (SciELO e Google Acadêmico) e nas bibliotecas da PUC e da USP.

Para melhor organização separamos em itens as palavras de busca e o conjunto de palavras de busca, e, em cada conjunto de busca, colocamos a quantidade e local dos dados encontrados, além do nome do trabalho. Na busca pelas palavras individuais foi feito o corte temporal de quinze anos, já para as palavras associadas o corte temporal foi de dez anos.

As palavras de busca foram procuradas no título, nas palavras-chave e no resumo dos trabalhos achados, pois viu-se que as palavras de busca procuradas apareciam no corpo do texto, não necessariamente referente ao tema a ser tratado.

- Traição

- SciELO: 30 resultados
- Google Acadêmico: 19.700 resultados
- Biblioteca PUCSP: 23 resultados, desses 0 (zero) resultado relacionado à psicologia analítica.
- Biblioteca USP: 1 resultado, desse 0 (zero) resultado relacionado à psicologia analítica.
- Revista Junguiana SBPA: 3 resultados

Artigos selecionados:

- **JORGE, Denise B. P.** Traição: um desígnio?. Revista Junguiana: Anima-Animus: o desafio do encontro, volume 33, número1/2015.

- **TORRES, Renata F.** Reflexões sobre a traição amorosa na psicologia e na arte. Revista Junguiana: Arte e Psicologia, volume 32, número1/2014.

- **GRIMBERG, Luiz P.** A traição de Bentinho. Um estudo sobre a psicopatologia do ciúme e da traição. Revista Junguiana: Mitos e Lendas da América Latina, N. 18, p. 67-76, 2000.

- Infidelidade

- SciELO: 34 resultados
- Google Acadêmico: 14.000 resultados
- Biblioteca PUCSP: 9 resultados, desses 0 (zero) resultado relacionado à psicologia analítica.
- Biblioteca USP: 2 resultados, desses 0 (zero) resultado relacionado à psicologia analítica.
- Revista Junguiana SBPA: 0 (zero) resultado

- Betrayal

- SciELO: 38 resultados
- Google Acadêmico: 270.000 resultados
- The Journal Of Analytical Psychology: 132 resultados, 2 resultados com a palavra específica no título, resumo ou palavra-chave no texto.

Artigos selecionados:

- **HILL, J., MEIER, I & WIRTH, S.** *Trust and Betrayal: Dawnings of Consciousness.* Junguian Odyssey Series. Vol III. Gersau, Switzerland. May 22-29, p.67-78. 2010.

- **MILLER, Barry** *On the Analysis of cheating.* Los Angeles, USA: *Journal of Analytical Psychology*, 2013.

- Spring Journal: 12 resultados, 2 resultados contendo a palavra especificada no título, resumo ou palavra-chave do texto.

Artigos selecionados:

- **Wirtz, U., Wirth, S., Egger D., Remark, K.** *The Crucible of Failure.* Jungian Odyssey Series, Vol. VII. Series Editors, 2015.

ISBN: 978-1-935528-71-5 160 pp.

- **Wirtz, Ursula** *Trauma and Beyond: The Mystery of Transformation*

ISBN: 978-1-935528-59-3 372 pp.

Desses dois únicos resultados, nenhum apresentou relação com a traição amorosa na psicologia analítica.

- Traição e Resiliência

- SciELO: 0 (zero) resultado
- Google Acadêmico: 0 (zero) resultado
- Biblioteca PUCSP: 0 (zero) resultado
- Biblioteca USP: 0 (zero) resultado

- Traição e Superação

- SciELO: 0 (zero) resultado
- Google Acadêmico: 0 (zero) resultado
- Biblioteca PUCSP: 0 (zero) resultado
- Biblioteca USP: 0 (zero) resultado

- Traição e Transformação

- SciELO: 0 (zero) resultado
- Google Acadêmico: 0 (zero) resultado
- Biblioteca PUCSP: 0 (zero) resultado
- Biblioteca USP: 0 (zero) resultado

- Infidelidade e Resiliência

- SciELO: 0 (zero) resultado
- Google Acadêmico: 0 (zero) resultado
- Biblioteca PUCSP: 0 (zero) resultado
- Biblioteca USP: 0 (zero) resultado

- Infidelidade e Superação

- SciELO: 0 (zero) resultado

- Google Acadêmico: 0 (zero) resultado
- Biblioteca PUCSP: 0 (zero) resultado
- Biblioteca USP: 0 (zero) resultado

- Infidelidade e Transformação

- SciELO: 0 (zero) resultado
- Google Acadêmico: 0 (zero) resultado
- Biblioteca PUCSP: 0 (zero) resultado
- Biblioteca USP: 0 (zero) resultado

- Betrayal and Resilience

- SciELO: 0 (zero) resultado
- Google Acadêmico: 1 resultado, desse 0 (zero) resultado relacionado à psicologia analítica:

- **WALTON, Maria F** *Betrayal trauma, experiences of racism, resilience, and borderline personality characteristics in African-Americans*. (01 de janeiro de 2014). *ETD Collection for Tennessee State University. Paper AAI3623046*. <http://digitalscholarship.tnstate.edu/dissertations/AAI3623046>

- Spring Journal: 2 resultados, 1 resultado contendo as palavras associadas especificada no título, resumo ou palavra-chave do texto.

Artigo selecionado:

- **Wirtz, U.** *Trauma and Beyond: The Mystery of Transformation*
ISBN: 978-1-935528-59-3 372 pp.

Esse único resultado não apresentou relação com a traição amorosa na psicologia analítica.

VI. 2. Resultados e discussão

Após a leitura dos textos obtidos, para descrição e análise dos resultados foram estabelecidas três categorias – não mutuamente excludentes: 1. A traição como símbolo; 2. A análise da traição; e 3. O mundo

virtual e a traição. Os textos foram organizados nessas categorias por contemplarem mais especificamente os assuntos tratados.

Como já dito anteriormente, para o estabelecimento das duas primeiras categorias nos baseamos na proposta de Jung (2013 [1912]) para interpretar conteúdos do inconsciente – que utiliza dois métodos opostos complementares: o método sintético, que utiliza a amplificação dos símbolos, e o método redutivo, que se relaciona aos instintos primitivos.

A interpretação de conteúdos inconscientes é submetida aos métodos redutivo e sintético (ou construtivo) para tomarem forma, conteúdo, objetivo e finalidade. O primeiro “relaciona tudo com os instintos primitivos, o outro desenvolve, a partir do material dado, um processo de diferenciação da personalidade” (JUNG 2013 [1941], §469).

Uma vez mais, como já versado, os dois métodos são opostos e se complementam mutuamente, sendo utilizados para analisar o processo psíquico: o método sintético baseia-se na observação e emergência da fantasia e do símbolo; e o método redutivo, por sua vez, se direciona à realidade e ao instinto do indivíduo.

E é a partir dessas duas maneiras de interpretar os conteúdos inconscientes que surge o desenvolvimento para uma nova atitude no mundo. Mas, a despeito disso, Jung (2013 [1912]) conclui que:

Já não estou convencido de que essas duas maneiras: a redutiva e a construtiva – conforme as denominei certa vez – esgotem as possibilidades de análise (...) ao invés do paradoxo de explicações mutuamente contraditórias, pudéssemos reduzir o processo psíquico a um fundamento instintivo o mais simples possível, ou dar-lhe um objetivo redentor metafísico e, depois, descansar nesta esperança (JUNG, 2013 [1912], §928).

1. A traição como símbolo

Jung (2013 [1912] e 2008 [1924]) não abordou diretamente o tema da traição amorosa, mas apresentou muitos escritos sobre o encontro de pessoas, o fenômeno do “apaixonamento”, a projeção que acontece entre elas, na qual quanto mais inconsciente de si tais pessoas se encontram, mais o indivíduo percebe e pressupõe no outro uma estrutura psíquica semelhante a sua.

Os aspectos inconscientes da ligação afetiva com os pais influenciam a escolha dos parceiros, seja perpetuando a dinâmica familiar conhecida ou escolhendo parceiros com padrões completamente diferente dos progenitores, numa tentativa de compensação.

O amor consciente para com o pai e a mãe favorece a escolha de um consorte semelhante ao pai ou à mãe. Ao contrário, a ligação inconsciente (a qual não precisa de maneira alguma manifestar-se como amor) dificulta a escolha deste consorte e força modificações curiosas (JUNG, 2006 [1931], §328).

O tal “apaixonamento” cria um clima entre os envolvidos de quase perfeição, no qual os dois formam uma unidade mística. A vivência pode ser impressionantemente devastadora, já que afasta o indivíduo do pessoal e do individual em direção ao coletivo/divino. De acordo com Jung (2006 [1931]), “É a própria comunhão com a vida e com o destino impessoal” (JUNG, 2006 [1931], §330).

Jung (2006 [1931]) em seus escritos sobre amor e casamento – embora atípicos a grande parte do corpo de seu trabalho – faz uso do seu conceito de projeção de *anima/animus* para explicar como uma onda inicial de atração mútua pode estar relacionada mais com uma parte projetada de um sendo visto no outro do que uma ligação verdadeira.

Não obstante, Jung (2006 [1931]) considerava a projeção muito mais que um mecanismo de defesa contra impulsos ou pensamentos inaceitáveis: postulava que, por meio da projeção, a psique é capaz de mostrar continuamente ao indivíduo aquilo que existe dentro dele, mas que ainda precisa se tornar consciente ou integrado.

Dessa maneira, a projeção serviria à tendência em direção à totalidade da psique, fornecendo oportunidades para integrar os opostos que estão sendo separados e projetados em outras coisas e pessoas na finalidade do processo de individuação.

No mencionado aspecto do processo de individuação, a pessoa projeta nos outros as próprias qualidades e dinâmicas interiores dela, com o objetivo de retirar o poder das qualidades projetadas por outros e integrar esses aspectos na sua própria noção de si mesmo.

E Jung (2006 [1931]) deixa claro que essa tarefa é essencial para a ligação verdadeira com o outro, já que a ligação verdadeira é possível só após processo de se despir das projeções mútuas – normalmente trabalhoso (e às vezes doloroso) – estiver encerrado, se revelando a outra pessoa em toda sua totalidade.

Introduz ainda Jung (2006 [1931]) o conceito do envolvente e do envolvido dentro de um casamento para descrever a dinâmica de acomodação psicológica – como a força de um parceiro permitiria a fraqueza do outro ou como um forneceria o receptáculo forte enquanto o outro cai no papel de dependente do participante envolvido na relação.

Imprescindível é que ambos os participantes do casal sejam psicologicamente comprometidos com seus processos individuais de desenvolvimento, para que a intimidade verdadeira ocorra e se evite o perigo de que uma relação possa vir a ser apresentada pela adoção inconsciente de formas coletivas de relacionamento, como o casamento (JUNG, 2006 [1931], §324-345).

Para tanto existe, na psique, um princípio de extrema importância: Eros. Jung (1987 [1934]) entende Eros como o princípio feminino do relacionamento e Logos, por sua vez, o princípio masculino do conhecimento. Eros e Logos não devem ser entendidos como se residissem num gênero ou no outro. O princípio Eros de relacionamento pode ser observado por meio de figuras femininas – como Afrodite (mãe do deus Eros) – e Logos por meio de figuras masculinas – como Apolo e Cristo.

Pensando em Eros, para além do princípio de relacionamento – como se referindo ao deus grego psicologizado, podemos designá-lo tanto como impulso para o relacionamento como também para a dimensão da paixão, da sexualidade e do amor.

De maneira análoga a Jung (1987 [1934]), Hillman (2010) postula que os conceitos são mitos, deuses e *daimons* (entidades invisíveis) que se personificam por meio de dinamismos pessoais. Assim, permitem olhar para o amor, paixão e impulsos sexuais como parte da manifestação arquetípica: “o modo que temos de encontrar os deuses em nossas vidas concretas é adentrando os mitos, pois é lá que estão” (HILLMAN, 2010, p.306).

O mesmo Hillman (1978), em *Estudos de psicologia arquetípica*, retrata a traição como um fenômeno arquetípico. Inicia seu capítulo, intitulado traição, discorrendo sobre as histórias bíblicas de traição (v.g. Adão, Deus e Eva; Caim e Abel; Jacó e Esaú; José vendido pelos irmãos como escravo; adoração do bezerro de ouro contrariando Moisés; Sansão e Dalila), comentando que esse fenômeno existe desde que o mundo se constituiu como tal e que traição está intimamente ligada e condicionada à confiança. Ou seja, quanto mais se confia, maior a possibilidade de traição.

O autor ainda correlaciona a traição com a confiança primordial, que aparece desde o mito do Jardim do Éden como imagem arquetípica: Adão, Eva e a serpente estavam juntos no paraíso desde o início, sugerindo que

tanto a confiança como a possibilidade de trair vieram juntas e de mãos dadas ao mundo:

Somos atraíoados nas mesmas situações de relacionamento profundo em que a confiança primordial é possível. Só podemos ser realmente traídos quando realmente confiamos: em irmãos, amantes, esposas, maridos; não em inimigos, não em estranhos. Quanto maior o amor, a lealdade, o envolvimento e o compromisso, maior a traição. A confiança contem em si a semente da traição (...) A confiança e a possibilidade de traí-la vieram ao mundo no mesmo momento (HILLMAN, 1978, p.82).

Nessa primeira parte, autor faz um paralelo da traição com o despertar da consciência, como uma espécie de iniciação em uma nova realidade que ocorre por conta da quebra de uma promessa.

Num segundo momento, Hillman (1978) comenta sobre a traição de Jesus, a posição central do mito cristão, trazendo maior compreensão do ponto de vista do traído, colocando que a traição pode ser uma experiência, para algumas pessoas, de extrema humilhação, assim como a do fracasso.

Hillman (1978) ainda aponta perigos pós-traição: vingança, negação (defesa), julgamentos de valor, cinismo, autotraição e distorção paranóide (defesa).

Na penúltima parte do capítulo o autor retrata o traído como quem deve, de alguma forma, cuidar da própria ferida e ressurreição, interpretar o que aconteceu e seguir a diante, sendo criativo somente se não sucumbir aos perigos pós-traição, ou seja, tentar viver as possíveis consequências aproveitáveis da traição – que são contrárias à vingança, cinismo e defesas paranóides contra a realidade.

Para Hillman (1978) o traidor não explica a traição ao traído, pois a traição procede do lado autônomo da psique, do inconsciente. Em síntese, o indivíduo deve, em alguma medida, superar o desconfortável sentimento de culpa que impede a plena realização consciente de atos necessários – mesmo que brutais – e que causem sofrimento ao outro, afirmando que a integração da *anima* nesse aspecto pode conceber uma ambiguidade consciente, mais até que uma ambivalência inconsciente.

Na última parte Hillman (1978) se dedica ao assunto nada fácil que é o perdão. Discorre que, por mais que o ego queira perdoar um erro, ele não assim pode fazer pois o perdão não vem da instância egóica, mas sim do desenvolvimento da *anima* e da sabedoria, colocando o perdão (e o diferenciando drasticamente do esquecimento) como o único produto positivo da traição:

Se o ego errou, o ego não pode perdoar, só porque ‘deveria’, sem consideração pelo contexto mais amplo de amor e destino. O ego consegue manter-se vital devido ao seu amor-próprio, seu orgulho e sua honra. Mesmo quando se quer perdoar, vê-se que simplesmente não se pode, porque o perdão não provém do ego. Não posso perdoar diretamente, posso apenas pedir, ou rezar, para que esses pecados sejam perdoados. Desejar que o perdão venha e esperar por ele talvez seja tudo o que se pode fazer (HILLMAN, 1978, p.94).

Então, para que talvez possamos lidar com a traição, segundo Hillman (1978), se faz necessário podermos olhar para nós mesmos e para os outros, aceitando o acontecimento, o ser traído, o traidor, a gama de sentimentos confusos e vergonhosos, o ressentimento, a raiva e, acima de tudo, não esquecer o ocorrido, podendo deixá-lo na memória para que a experiência não se dissolva no inconsciente. Enfim, conceber a traição como uma transgressão que pode abrir a possibilidade de transformação pessoal e conjugal por meio da elaboração, apesar de toda a dor envolvida.

Conclui Hillman (1978) que a integração final da experiência da traição pode resultar no perdão pelo traído, expiação pelo traidor e uma reconciliação – não necessariamente de um com o outro – mas a reconciliação de cada um com o fato ocorrido, apontando que “Da mesma forma que a confiança contém a semente da traição, a traição contém em si a semente do perdão” (HILLMAN, 1978, p.95).

O autor do livro *Diário de uma secreta simetria*, Carotenuto (1984), faz a organização e leitura analítica das correspondências entre C. G. Jung, Sabina Spielrein e Sigmund Freud, bem como apresenta trechos do diário pessoal de Spielrein.

O conteúdo desse livro discorre sobre o impacto de Sabina Spielrein na vida de Jung e no desenvolvimento de seu pensamento, assim como o papel por ela desempenhado no amadurecimento da psicologia junguiana e psicanálise freudiana – além de sua contribuição para o relacionamento e posterior afastamento de Freud e Jung.

Carotenuto (1984) trata de todo o processo de Sabina Spielrein – desde sua internação no *Burghölzli* Hospital de Zurique, no qual Jung trabalhava: o trabalho psicoterapêutico desempenhado com ela, a transferência, contratransferência e aproximação entre médico e paciente, a melhora pessoal e crescimento profissional de Sabina, seus trabalhos científicos, a influência de suas ideias e a volta dela para a Rússia.

Discorre, outrossim, acerca de como foi se enredando um triângulo amoroso, pessoal, relacional e profissional entre Jung, Sabina e Freud, por meio da análise das cartas trocadas entre eles e dos escritos contidos no diário de Sabina Spielrein.

Do conteúdo e escrita desse livro derivou outra obra produzida pelo mesmo autor: *Amar e trair: quase uma apologia da traição*. E, nele, Carotenuto, (1997) conclui que a traição pode ser entendida como uma tentativa no casal de reconhecimento das partes de cada um que tenham

sido abnegadas na relação: uma experiência inevitável na vida, que pode – ou não – possibilitar a ampliação de consciência e uma possível reconquista da identidade própria de cada um dos envolvidos, porque somente traindo o homem (a mulher) sai da posição inconsciente e da indiferenciação e se torna sujeito de sua própria vida (CAROTENUTO, 1997).

A traição, como um símbolo, contém a dor do sofrimento e a possibilidade de entrar em contato com o verdadeiro em si, de acordo com Carotenuto (1997):

(...) se pode “trair” sem trair, faltar a um pacto, mas em nome de uma fidelidade mais alta ou mais profunda; que a traição pode ser, sim, uma culpa, mas à semelhança das de Adão e de Prometeu. Uma culpa bendita e decisiva para o homem, uma *felix culpa* ('feliz culpa'), uma transgressão inevitável para emancipar-se do Éden e entrar na história (CAROTENUTO, 1997, p.203).

O mesmo autor ainda diz que a vida é uma sucessão de traições desde o nascimento, cabendo-nos enfrentar da maneira mais consciente possível o nosso próprio processo de individuação e buscarmos crescer por meio das traições que temos que lidar ao longo do caminho. Afirma que, embora a traição seja repugnante a nossa consciência, ela ainda é uma experiência inelutável.

Aborda, também, a traição entendida como ato necessário para que a psique, ainda fechada em uma virgindade inconsciente e irrefletida, seja iniciada no mistério da vida e do amor. A traição é inevitável pois somente traindo ou violando algum pacto o homem se constitui como sujeito da história. Todo indivíduo está sob o imperativo, inscrito na dinâmica evolutiva da psique, emancipando-se de tudo o que o mantém fiel a uma imagem de si que não lhe corresponde – mas que, por sua vez, corresponde às exigências do ambiente social ou ao desejo de seus interlocutores. Vale a colação:

Sofrer uma traição significa ser entregue a uma morte dolorosa e experimentar, na primeira pessoa, as feridas do abandono e a perda de toda referência habitual. Mas a psique, em sua linguagem simbólica e carregada de imagens, nos ensina a viver cada morte como rito de passagem para novas formas de experiência da existência. Como nos recorda Jung, amplificação da personalidade passa quase sempre por um *sacrificium* mortal, e a experiência da traição e do luto pode exercer função transformadora, se conseguir elaborar sua vivência (CAROTENUTO, 1997, p.233/234).

Durante todo o percurso de seu livro *Amar e trair: quase uma apologia da traição*, Carotenuto (1997) se debruça sobre dois lugares: o espaço da experiência passiva da traição, ou seja, o do “ser traído”, e por outro lado, a experiência de “ser traidor”. Defende que a vida é uma sucessão de assumir papéis tanto de traidor como de traído – inclusive os dois papéis ao mesmo tempo. O autor aponta que é por isso que no processo de individuação aparecem frequentemente situações de ruptura, de fraturas inevitáveis, destinadas a marcar a história humana de cada um: as traições cometidas nas mais diversas facetas e situações. Uma vez mais, imperiosa se faz a transcrição:

A traição sempre se encontra, portanto, em nosso caminho, e não só para aniquilar-nos; se ela desestabiliza, é para que se recrie alguma coisa. Estamos sempre atirados na traição. A renovação do milagre de um eu que descobre a si mesmo – que acontece a si mesmo escreve Jung – é possível só e quando se abre uma brecha na linearidade do seu tempo e na cotidianidade de suas crenças: o homem tem necessidade de transcender seus limites para descobrir novas regiões de si próprio (CAROTENUTO, 1997, p.234).

No *The Journal Of Analytical Psychology* encontramos o terceiro volume da *Jungian Odyssey Series* intitulada *Trust and Betrayal: Dawnings*

of Consciousness. Nela diversos autores apresentam trabalhos sobre a dinâmica da confiança e da traição na vida, na análise e no mito.

Dentre eles, Brutsche (2010), em seu artigo *Betrayal of the Self, Self-Betrayal, and The Leap of Trust: The Book of Job, a Tale of individuation*, considera – embora sendo dramáticas ou imperceptíveis – as experiências da traição multifacetadas e pertencentes à história de muitos indivíduos, senão de todos. Histórias de traição existem abundantemente na vida real, na literatura e são encontradas nos mitos e contos originários de todas as culturas, afirmando, assim, a dimensão arquetípica da realidade da traição.

Brutsche (2010) ainda se utiliza do texto mitológico do *Velho Testamento: O Livro de Jó*, para explorar a raiz arquetípica da experiência individual da traição e para mostrar como tal história mitológica pode demonstrar o caminho para o desenvolvimento da confiança e da autoconfiança.

A história de Jó provê um padrão arquetípico subjacente à realidade humana de traição e confiança. Aqueles que foram vítimas de traumas – de qualquer origem – não terão dificuldade de se identificar com a dor excruciante de Jó e com sua luta para manter-se fiel às suas crenças. Quando a traição aparece na forma discretamente disfarçada, a experiência pode permanecer fora da consciência, levando a pessoa da “cegueira à traição”, em uma vida de inconscientes traições a si mesmo.

Mesmo que não haja confronto, como aconteceu na história de Jó, não se deve subestimar a coragem necessária para se curar de uma traição. A traição invariavelmente afeta a psique nas suas mais profundas raízes. Quando conscientizada, ela é experimentada como uma ameaça ao próprio ser e o caminho à cura é pavimentado com dor:

A coragem para confiar é igual a coragem para ser, tendo sempre o caráter de “apesar de...”, isto é, apesar da constante ameaça de que se será destruído. Mesmo no

relacionamento mais confiável, a ameaça da morte, a última traição, está sempre presente. E é exatamente isto que cria confiança, na sua qualidade mais profunda, tal como um nobre esforço humano (BRUTSCHE, 2010, p.24).

No mesmo sentido, Stein (2010), em *Betrayal: a way to wisdom?*, discute a relação entre Carl Gustav Jung e Victor White – teólogo da Igreja Católica – exposta em *The Jung-White Letters*. Relata a grande aproximação dos dois, descrevendo a trajetória do relacionamento entre eles. Esse relacionamento iniciou-se em 1945 e evoluiu muito até 1948, quando começaram a existir divergências de pontos de vista a respeito da natureza de Deus e da doutrina católica sobre a definição do mal como *privato boni*.

Após severas críticas houve uma ruptura, considerada por White como traição e por Jung como um ataque não merecido contra sua integridade. A publicação de *Resposta a Jó* – escrita por Jung – trazia pontos de vista completamente indefensáveis frente aos dogmas da Igreja Católica. White, cuja perspectiva teológica tinha raízes em São Tomás de Aquino, sentiu-se traído e exposto uma vez que, em seus seminários e aulas, utilizava a psicologia analítica de Jung como referência.

Stein (2010) acredita que White adquiriu sabedoria como resultado da traição, que sentiu acontecer pelas mãos de Jung. No final ele foi capaz de ver a pessoa de Jung mais claramente, sem rejeitá-lo por completo. A transferência foi quebrada e uma nova consciência pode iniciar-se. Em uma última troca de cartas, antes da morte de White, ambos mostraram gratidão pelo que puderam aprender um com o outro. Eles superaram a separação em favor de manterem juntos os opostos, como possibilidade de atingir a totalidade do objeto. Essa é a base psicológica da sabedoria.

Pela mesma publicação, Deborah Egger-Biniore (2010) – no artigo *Trust and betrayal in adult relationships* – relata não conhecer outros aspectos do relacionamento interpessoal que possam nos desenvolver mais poderosa e brutalmente que a confiança e a traição;

Cada vez que você confia ou tem a confiança do outro, você encara a possibilidade da traição. Cada vez que você trai ou é traído, você tem a oportunidade de embarcar em uma jornada para novos níveis de confiança (EGGER-BINIORES, 2010, p.70).

Como outros autores junguianos, Egger-Biniores (2011) evidencia três aspectos mitológicos ou arquetípicos da confiança e da traição:

1. O Uroborus/criança e mãe (confiança e traição natural);
2. O jardim do paraíso (confiança e traição feminina); e
3. Judas, Pedro e Cristo (confiança e traição masculina).

Segundo ela todos nós experimentamos as três no decorrer das nossas vidas. Confiança e traição representam dois aspectos do fenômeno de estar humanamente conectado. As duas mostram um trajeto cíclico de estar consigo mesmo e com outro ou outros – trajeto esse que nos conduz a relacionamentos mais profundos e mais autênticos.

A autora propõe ainda que, após experimentarmos a confiança primal, desejamos confiar novamente. Buscamos pela confiança, porém o ciclo não é mais o mesmo – mudamos de degrau, para cima ou para baixo. A traição que foi reconhecida, sofrida e elaborada tem um efeito transformador no indivíduo. Podemos perceber que a traição é uma parte necessária do desenvolvimento psicológico.

Ainda no terceiro volume da Junguian Odyssey Series, em *Trust and Betrayal: four women under Jung's shadow*, Savage (2010) versa sobre quatro mulheres: Hélène Preiswerk, Miss Frank Miller, Sabina Spielrein e Antonia Wolff, que estiveram presentes desde muito cedo na história da psicologia junguiana.

No início do século XX, mulheres de diferentes partes do mundo realizaram uma espécie de peregrinação ao consultório de Jung. O conceito de individuação e o reconhecimento que a alma não era propriedade exclusiva dos homens, eliciaram nelas uma busca pelo autoconhecimento e a esperança de uma vida além dos papéis tradicionais atribuídos às mulheres na época.

Para Savage (2010) cada uma dessas mulheres constituiu uma tela luminosa, na qual Jung projetou suas ideias e teorias. Hélène Preiswerk deu forma às noções de Jung sobre o ocultismo, Frank Miller fez o mesmo com relação à realidade do inconsciente mito poético, Sabina Spielrein foi identificada com o lado escuro regressivo e destrutivo do inconsciente e Antonia Wolff incorporou a *anima* curativa e salvadora.

Todas essas mulheres possuíam qualidades mediúnicas e sua natureza complexa atraíram Jung. Pergunta-se qual foi a natureza da traição de Jung a essas mulheres e como isso influenciou sua teoria.

Savage (2010) apresenta que Jung oferecia a metáfora do *vas bene clausum* como uma medida de precaução, acreditando que o continente precioso da terapia seria protegido por limites precisos na relação analista-cliente. Foi precisamente dentro do *vas bene clausum* que a traição de Jung ocorreu e que a confiança foi violada. Sempre que o selo do *vas* é quebrado, tem-se uma falência alquímica, que corrompe o trabalho. Essa traição na díade analista-cliente constitui a erradicação da vida humana, o que mostra o quão facilmente a vida humana pode ser anulada. Por outro lado, sabe-se que toda ética começa com a apreensão de como é precária a vida do outro. As histórias das quatro mulheres mostram a traição, que fez com que elas tivessem ficado “sem face” frente à história, sendo suas identidades distorcidas em nome da ciência.

A autora termina seu texto relatando que muitos acreditam que a figura que Jung esculpiu no muro externo de *Bollingen* – após a morte de sua

mulher Emma, e que ele descreveu como sua *anima* na forma de uma ancestral milenar – evoque o espírito de Toni Wolff. Similarmente pode ser que a figura esculpida próxima, que Jung identificou como o urso russo que lamina as coisas, seja uma alusão à Sabina Spielrein. Se esses são memoriais dedicados a elas, ficaram tão privados como a culpa de Jung e tão misteriosos como as vidas dessas mulheres: perdidas como objetos das projeções de Jung, submetidas como comprovações de suas teorias e envoltas por sua secreta culpa e falhas pessoais.

Guerra (2011), em sua publicação *O Livro vermelho: o drama de amor de C. G. Jung*, organiza cronologicamente as experiências na vida de Jung, as quais contribuíram para a emergência dos conteúdos registrados por ele no *Livro Vermelho*, que demonstram inúmeros conceitos teóricos que seriam desenvolvidos durante sua vida e obra.

Durante a apresentação e explanação sobre Jung buscando a integração do amor em suas vivências e registros, Guerra (2011) aponta dois triângulos amorosos: Jung – Sabina Spielrein – Emma Jung e Jung – Toni Wolff – Emma Jung. A autora perpassa sobre essas duas transgressões de Jung, relacionando como o apaixonamento e o amor desencadeiam os triângulos amorosos na vida dele e as correlações da sua produção teórica:

Não é difícil imaginar a intensidade do conflito vivido por Jung, decorrente também de seu envolvimento com Toni. Ao mesmo tempo em que estava apaixonado, era casado e tinha filhos, numa época em que casamentos deveriam ser mantidos. Além disso, em 1912, estava inseguro quanto às reações de Freud ao seu livro *Transformações e Símbolos da Libido*. A mobilização própria da paixão, somada à genialidade, à criatividade, à sensibilidade, à inteligência, ao interesse pela vida psíquica, à culpa, ao desespero, à angústia, ao sofrimento, constelaram em Jung experiências interiores intensas e profundas, uma espécie de avalanche de símbolos que clamaram por expressão (GUERRA, 2011, p.49).

A autora considera, ainda, que o *Livro Vermelho* de Jung é, em sua essência “(...) fruto da relação simultânea de Jung com Toni Wolff e Emma Jung, e dos sentimentos e emoções daí advindos” (GUERRA, 2011, p.50).

Para discutir essa primeira categoria – recordemos, a da traição como símbolo – nos baseamos no método sintético (ou construtivo) de Jung (2013 [1941]), que se refere à elaboração de produtos inconscientes pela amplificação simbólica, a qual antecipa a fase do desenvolvimento psicológico, referida ao vir a ser da personalidade. Jung (2013 [1941]) considera “o produto inconsciente como expressão orientada segundo um fim ou objetivo, mas que caracteriza o ponto diretivo como linguagem simbólica.” (JUNG, 2013 [1941], §782). Sendo exemplo e “(..) a prova viva de que o mundo rico e agitado com sua vida transbordante e inebriante não existe apenas fora, mas também dentro” (JUNG, 2013 [1912], §734).

Todos os autores ora apresentados concordam que a traição é inevitável na vida do ser humano, bem como que ela tem como principal finalidade marcar a vida de cada indivíduo com a transgressão, a qual pode abrir a possibilidade de uma existência maior e mais ampla, ou na evolução do processo de individuação de cada um. Bem como a preocupação recente, entre os autores junguianos, com o tema da traição e a ênfase dada ao aspecto arquetípico do mesmo. Nas palavras de Jung:

(...) considerando o destino de certas personalidades dotadas de grande força de vontade, é um erro fundamental querer submeter seu próprio destino à sua vontade, a qualquer preço (JUNG, 1987 [1941] §72).

Por ocorrer, no relacionamento amoroso, que um dos parceiros se desenvolva mais rápido que o outro, ocasionando uma possível abertura de espaço para os “olhares fora da relação” – o que pode contribuir para um triângulo amoroso.

O triângulo amoroso é um fenômeno arquetípico, no qual a figura do amante ou da amante – que se constela entre os parceiros – provoca mudanças e transformações. A amante opera o papel de cúmplice e denunciante de uma disfunção no relacionamento amoroso, tal como Zeus e Hera (e todas as amantes no mito do deus) e Adão e Eva (serpente).

Na difícil busca de si mesmo, muitas vezes, somos tentados a procurar fora o que precisamos encontrar primeiro dentro de nós mesmos. Mas essa empreitada não é fácil e muito menos tranquila, exige esforço e sacrifício – e poucas vezes nos posicionamos dispostos a isso.

Num relacionamento monogâmico – como é tido o casamento na maioria das expectativas – se espera um caminho possível para a individuação da meta “felizes para sempre”, que é amplamente reforçada por crenças religiosas. Entretanto, tal relacionamento exige concessões e, como dito anteriormente, sacrifícios – o que nos leva inexoravelmente ao tema da traição: traímos e somos traídos em algum aspecto.

A resiliência é definida como um processo dinâmico, no qual os indivíduos mostram transformação e ajustamento apesar de experiências de adversidade ou trauma significantes. Tem-se um constructo bidimensional, que implica a exposição à adversidade e a manifestação de uma evolução de ajustamento positivo para o indivíduo (GROTBERG, 2005).

(...) resiliência é um potencial, presente nos seres humanos em todas as culturas e em todos os tempos, que se atualiza sob formas diferentes, dependendo da cultura, da sociedade e da época e é um mito que se constela frente às vicissitudes da vida, para gerar crescimento (ARAÚJO, 2011, p.11).

Pensando no processo de individuação, no qual encontramos desafios que exigem adaptabilidade, superação e enfrentamento das situações, podemos acreditar que, além da resiliência ser um componente

importante e indispensável para a individuação, a traição é uma situação traumática inevitável, presente no processo como parte integrante e inseparável.

A traição atuada ou sofrida pode ser caracterizada como um evento traumático. Tanto Hillman (1979) como Carotenuto (1997) demonstram que o traidor é impulsionado internamente para trair visando mudanças em sua dinâmica psicológica e/ou no seu processo pessoal. Portanto, podemos pensar que a traição possa acontecer como resultante de um processo resiliente, frente a uma vida que não tenha mais sentido, afinal, resiliência “É um processo determinado pela construção de si mesmo ao longo da vida” (ARAÚJO, 2011, p.11).

Ainda utilizando a consonância entre Hillman (1979) e Carotenuto (1997), o traído percebe o evento traumático após o ato em si. Nesse contexto, pensamos que seu processo resiliente aconteça a partir de então, ou seja, um processo constante de reconstrução pode ser colocado em marcha depois do evento traumático, caracterizando um enfrentamento resiliente, como mostra Araújo (2011):

À resiliência implica em resignificar o evento adverso que causou o desequilíbrio, considerando-o como uma possibilidade de desenvolvimento e individuação e como uma oportunidade de fortalecer o vínculo com a vida. Posturas vitimizadas podem ser substituídas por posturas otimistas em relação ao futuro (ARAÚJO, 2011, p.11).

A grande dificuldade para o entendimento nos casais atuais é que a traição, muito antes de ser concreta ou de haver um triângulo amoroso, já aconteceu como traição a si mesmo. Ou seja, independentemente do que escolhermos, individual ou coletivamente, em algum momento a alma trará a conta: traímos o acordo consciente ou inconsciente estabelecido no relacionamento ou traímos a própria alma.

Dessa maneira, é possível observar a traição como um símbolo dentro do processo dinâmico da resiliência e da individuação. Tanto do ponto de vista do traído como do traidor, a traição pode desencadear movimentos de adaptação, superação e reorganização no processo de vida de cada um, possibilitando mudanças em seus padrões de relacionamento pessoal e interpessoal, seus recursos internos e atitude perante a vida. Nas palavras de Araújo (2011):

A importância da ética [pessoal], de princípios e de valores será ressaltada na sua relação com o processo da resiliência. Assim, serão salientados os fatores constituintes para o processo de individuação, isto é, os que mais caracterizam o que existe de humano no indivíduo: a consciência de si como protagonista de sua história e responsável por sua ação e espiritualidade, que traz a possibilidade de dar significado aos eventos (ARAÚJO, 2011, p.14).

2. A análise da traição

Em *A traição de Bentinho: um estudo sobre a psicopatologia do ciúme e da traição*, escrito por Grimberg (2000), temos como enfoque aspectos relacionados à psicopatologia do ciúme e da traição, bem como a função psicológica do ciúme na estruturação da identidade – sendo o principal deles a análise do personagem Bentinho, do romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis.

O autor analisa dois sonhos de Bentinho dentro da temática do ciúme, da traição exogâmica e endogâmica, do desenvolvimento da personalidade e da sexualidade, além da traição de si mesmo – trazendo sempre a noção de responsabilidade em todos os aspectos: do traído e do traidor de si mesmo.

Mostra que Bentinho desde muito cedo, em sua história, teve o embate com o tema traição em muitos aspectos da vida: na relação com a

mãe, no desenvolvimento infantil e adolescente da sexualidade, na escolha da carreira, nos aspectos de seus sonhos e desejos mais profundos. Portanto, os conflitos de Bentinho sempre foram evidente e extremamente tensos.

Gimberg (2000) ainda relaciona a Bentinho ciúmes e baixa autoestima – o que, de certa forma, correlaciona-se com um complexo de inferioridade e culmina num ser humano desconfiado, ciumento e hipervigilante com a relação amorosa:

Suas características de personalidade falam a favor de uma estruturação deficiente de um ego que permaneceu parcialmente fixado no inconsciente e, portanto tornou-se um ego frágil. Seus modelos de identificação primária ajudam-nos a esclarecer sua psicologia. Vimos que sua imagem paterno-masculina era frágil e negativa, assustadora; a mãe e a mulher, por sua vez, eram vistas como fortes e dominadoras (GRIMBERG, 2000, p.74).

O personagem principal da história segue sua *anima* (representada por Capitu) até o ponto que deveria confrontar-se com a sombra de seu sentimento de inferioridade, mas sucumbe à própria imaginação, sentindo-se traído e incapaz de elaborar o sentimento de ciúmes. Bentinho não consegue diferenciar-se suficientemente de sua matriz inconsciente e termina solitário.

Conclui Grimberg (2000) que Bentinho traiu sua mãe por não ter terminado o seminário e ter se casado com Capitu, com base em suas fantasias. Igualmente, ele se deixou influenciar por suspeitas sem considerar a própria sombra e suas atitudes defensivas perante seus complexos materno e paterno – tais como repressão, projeção, idealização e racionalização. Enfim, ao desistir de Capitu (*anima*), abandonando-a – bem como ao seu filho – ele mesmo se trai.

Em artigo publicado no *Spring Journal*, intitulado *On the Analysis of cheating*, Miller (2013) apresenta a traição como um mecanismo psicológico,

comum a todos, que aparece até mesmo nas dinâmicas familiares mais iniciais e evolui para a formação de outros relacionamentos ao longo da vida de cada indivíduo. Quando a traição aparece nos relacionamentos amorosos, confusão, destruição e desintegração de estados psicológicos existentes acontecem para todos que são afetados pelo evento.

A traição pode ser vista, para tal autor, como uma espontânea resposta do indivíduo para romper o estado de estagnação e regressão em situações nas quais o indivíduo pode não saber o caminho para a dissolução da dificuldade. Os atos transgressivos trazem a possibilidade de uma secreta ou separada consciência, potencialmente adentrando em estados de existir fusionados no estabelecimento do sistema relacional.

Ressalte-se que esse estado primário de adaptação pode ter provido estabilidade e segurança, enquanto limitava o desenvolvimento de uma consciência separada com o chamado do conhecimento. E esses elementos essenciais e espontâneos na traição podem ser achados na descrição tardia de Jung sobre a psicologia da individuação.

Torres (2014), em seu artigo *Reflexões sobre a traição amorosa na psicologia e na arte*, busca amplificações simbólicas nas expressões artísticas (letras de músicas, poesias, obras de arte e cinema) que aludem ao tema da traição conjugal. A autora tece reflexões buscando um significado psicológico para esse fenômeno, estabelecendo pontes com a psicologia em geral – precipuamente a teoria junguiana.

Inicia falando sobre o amor e como tal sentimento pode ser representado pela afeição, carinho, amizade e compaixão, podendo indicar atração, desejo e paixão – bem como como utilizamos essa palavra para denominar um vínculo afetivo, que muitas por diversas vezes remetiam a alguns tipos de triângulo: 1. Eros (amor romântico, de sensualidade e/ou atração, de reconhecimento da beleza), Philia (amor virtuoso e desapaixonado, com lealdade e igualdade) e Ágape (amor de dimensão não carnal); 2. Eros (atração física imediata, seguro e não possessivo), Ludus

(jogo de sedução e liberdade com vários parceiros) e Estorge (amor que nasce da afinidade, podendo levar muito tempo para acontecer) e 3. A (traído), B (traidor) e C (sedutor ou provocador).

Para Torres (2014) o amor pleno corresponderia a um ponto de equilíbrio no centro dos triângulos, o qual, mesmo alcançado, necessita de constante investimento e manutenção devido a sua instabilidade.

Ao explicar sobre a traição, ela discorre sobre o mito de Édipo (pai, mãe e filho), a história de amor de Romeu e Julieta (Romeu, Julieta e cultura), os épicos Ilíada (Menelau, Helena e Páris) e Odisséia (Ulisses Penélope e pretendentes), o clássico triângulo de Otelo (Otelo, Desdêmona e Cássio) e a obra Dom Casmurro (Bentinho, Capitu e Ezequiel) – e conclui que a traição é muito mais complicada que um triângulo amoroso, pois pressupõe a violação de um compromisso ou um pacto, na qual a palavra traição vem acompanhada de julgamento moral e intensidade, a ela sendo atribuída mais deslealdade do que qualquer outro sentimento.

Não obstante, considera Torres (2014) que para cada um de nós há um ponto a partir do qual as coisas se tornam inegociáveis, um limite que quando ultrapassado é o suficiente para nos sentirmos traídos. Esquecer uma traição não seria possível, porém transformá-la é uma capacidade humana que pode estar a serviço do processo pessoal de cada um, no qual também pode haver traição de si mesmo – sendo certamente um grande desafio olhar para os dois lados: traição do outro e traição de si.

Por derradeiro, infere que a relação conjugal é uma via de individuação e que no casamento o desafio é permanecer fiel ao outro e a si mesmo, concomitantemente:

Se há algum segredo nesse ambicioso projeto, talvez seja haver espaço, dentro do casamento, para crescer junto e separado, nutrir seu processo respeitando o espaço conjunto e também sua privacidade e vida anterior. Os casais que

conseguirem fazer isso talvez sejam abençoados com o milagre das bodas de Canaã: transformar água em vinho e, assim, brindar, celebrar e nutrir-se (TORRES, 2014, p.61).

Engelhard (2014), em *A alquimia dos amores impossíveis* – palestra proferida no XII Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos – apresenta que o amor ou a atração não necessariamente acontecem “onde” são possíveis ou cabíveis e lança algumas perguntas a serem observadas por meio da mitologia grega, folclore brasileiro e poesias: como se dá a alquimia daquilo que se atrai, mas não se pode permanecer junto? serão encontros sempre fadados ao trágico e à fatalidade? haverá uma saída resiliente para essas atrações?

Ao contar sobre alguns mitos gregos – dentre eles Afrodite e Ares, Zeus e Sêmele, Zeus e Dânae, Zeus e Leda – a autora aponta que esses são exemplos de amores impossíveis, mas que também puderam encontrar uma solução criativa, com os amantes não permanecendo juntos mas com o amor entre eles perpetuado por meio da prole.

Nessa mesma palestra, também como ilustração de amor impossível, Engelhard (2014) apresenta o mito do Guaraná, que apesar das consequências trágicas, tem um final resiliente e de transformação: certa vez uma índia foi seduzida por uma cobra, a bela moça engravidou e seus irmãos, não gostando do corrido, mataram a cobra; a irmã, muito brava e conhecedora dos segredos das plantas medicinais, foge e se refugia na floresta; quando seu filho nasce e cresce, ele passa a ter vontade de comer castanha do Pará, que é a comida favorita de seus tios; sabendo disso, os tios reforçam a vigilância no local onde há as castanhas, e certa vez, desobedecendo à mãe, o menino vai às escondidas comer tais castanhas e seus tios o pegam e o matam; a mãe, ao encontrar o filho morto, sentencia que os tios verão a morte dele se transformar em benção; a índia planta o olho esquerdo do filho numa terra preta e daí nasce o verdadeiro guaraná, que dá esperança e longa vida aos seres humanos – e das entranhas de seu filho nascem os guardiões de seu povo.

Perpassando pela dinâmica de um amor possível, Engelhard (2014) inicia a explanação sobre o que acontece quando Eros dispara sua flecha em pessoas que não tem a possibilidade de organizar e elaborar tal encontro de amor dentro dos padrões vigentes.

E, por meio de exposição de casos, a autora mostra que, por exemplo, “o amor pode ser vivido sem posse e com a vida conduzindo os que se amam para um encontro que transcende as situações e efemeridades do cotidiano. As situações que os impediam de viver a dois foram inteligentemente respeitadas” (ENGELHARD, 2014, p.07)

Em outro caso apresentado, Engelhard (2014) comenta:

(...) o amor que os unia nunca deixou de existir, mesmo sabendo que não permaneceriam juntos. A cumplicidade deste amor, impossível de se construir dentro do modelo da sociedade em que vivem, é a pedra de toque, a posição alquimicamente perfeita, que leva o mundo a também se alimentar de preciosos arranjos sutis (ENGELHARD, 2014, p.07).

Engelhard (2014) conclui sua palestra falando sobre a resiliência e a inventividade, apontando que, em uma visão resiliente, os socialmente impedidos de uma união não se impedem de, no íntimo de suas almas, estarem em comum acordo amoroso e em diálogo permanente, conservando-se os antigos valores, que serão acrescido do reconhecimento e aceitação de seus contrários:

Quando animicamente a alteridade se impõe na orientação da relação ego-Self o que acontece é que o encontro de amor será guiado pela aceitação e compreensão mútua das diferenças, limitações e possibilidades, de cada parceiro em sua dinâmica. Este caminho leva à expansão da consciência

cuja busca maior se dá em viver o grande Sim e o absoluto Não da vida (ENGELHARD, 2014, p.08).

Para a autora, poder viver com a “distância física do ser amado, mas não com sua distância afetiva, é uma saída fecunda para que a alquimia do impossível encontre uma forma de unificar criativamente a energia vital” (ENGELHARD, 2014, p.09).

Jorge (2015), no artigo *Traição: um desígnio?*, tem como objetivo refletir sobre a traição nos relacionamentos amorosos, analisando seu impacto na psique dos envolvidos e o papel dos arquétipos *animus* e *anima* numa vivência de traição. Mostra que o ser humano tem uma tarefa a realizar: tomar posse do seu processo de individuação, realizando aquilo que só é dele; quando o indivíduo não assume essa responsabilidade, ele trai a si mesmo e, se isso não for reconhecido, haverá uma tendência de que ele encontre a traição fora dele – traindo ou sendo traído por alguém.

A autora mostra que os arquétipos *anima* e *animus* desejam chamar a atenção para serem vistos e com isto trazer dimensões profundas ainda desconhecidas da personalidade através, principalmente, das projeções – com a intenção de diferenciação psicológica da personalidade. Para haver um desenvolvimento psíquico é necessário que a pessoa seja fiel ao seu processo de individuação, ou seja, às suas leis e no impulso direcionador do Self. Defende Jorge (2015) que, quando uma pessoa não se responsabiliza por seu processo de desenvolvimento, ela está traindo a si mesma e, enquanto essa traição não for reconhecida, haverá uma grande tendência da pessoa encontrar a traição fora de si, traindo ou sendo traída.

Embora uma traição gere sofrimento, seu acontecimento pode ser relevante para o processo psíquico dos envolvidos. A traição “revela” que a pessoa está se traindo, que algo está sendo negligenciado e precisa ser cultivado para haver ampliação de consciência: “Dentro de uma visão simbólica, a traição é um desígnio. Ela faz parte da vida desde o nosso

nascimento e é necessário trair para que haja desenvolvimento psíquico” (JORGE, 2015, p.37).

Em *Te perdôo por te trair(es)*, Robles, Pessoa e Fontana (2015), discorrem sobre a traição na conjugalidade, relatando ser esse um dos temas mais importantes e recorrentes da terapia de casal, podendo a traição acontecer de forma concreta ou não.

A proposta colocada é olhar a traição a partir das duas polaridades: traído e traidor, uma vez que estão em relação dialética, sendo opostos complementares e símbolos presentes na relação conjugal. Olhar para a traição pode ser entendida como uma tentativa do casal de reconhecimento das partes de cada um que tenham sido sufocadas pela relação – o que é inexorável dentro de uma relação a dois, podendo promover momentos de ampliação de consciência e a possibilidade de reconquista da própria personalidade.

Ao discorrer e analisar um caso clínico, as autoras mostram como o trabalho analítico possibilita o olhar as diversas traições que ocorrem na vida de cada pessoa envolvida e na vida do casal. Dentro dessa concepção, aparece a importância de o casal poder lidar com a dor e o sofrimento do adultério, mas também refletir as causas e efeitos (porquês) e a finalidade do sintoma ou evento traumático desencadeado (para quê).

A culpa, geralmente, está ligada à transgressão e essa, por sua vez, está ligada às transformações necessárias ao desenvolvimento psíquico – sendo portanto conclusivo que é pecando que nos desenvolvemos no mundo (ROBLES, PESSOA e FONTANA, 2015).

Para Robles, Pessoa e Fontana (2015), outrossim, seja qual for a escolha de arranjo conjugal do casal na vida real, “(...) uma coisa é certa: no casal simbólico, a amante precisa ser sacrificada para que seu papel seja integrado na dinâmica relacional do casal. Somente assim uma solução mais criativa poderá surgir” (ROBLES, PESSOA e FONTANA, 2015, p.118).

Concluem as autoras que a vida é uma sucessão de traições – internas, externas, consigo, com os outros, com acordos – mas que o importante é enfrentar o fato e as consequências delas de maneira mais consciente e responsável possíveis. De forma nenhuma se deve justificar a traição, mas deve-se, sim, entendê-la em todos os âmbitos possíveis e processar a possibilidade de perdão complexo que isso envolve – ou seja, o cumprimento desse para além de aliviar a culpa, ou o medo, ou até mesmo a manutenção da instituição do casamento. O indivíduo deve se enredar na aventura de transformar o erro, se responsabilizar e se reconhecer, se comprometendo, em síntese, com o próprio processo de individuação. Claro é que é imprescindível tempo para passar por todo o processo, transformar o erro, assumir a responsabilidade e reconhecer as próprias culpas – tanto no âmbito do traído como do traidor.

Para a discussão dessa categoria, nos orientamos através do método redutivo – o qual Jung (2013 [1941]) designa como método de interpretação psicológica – que considera o produto inconsciente como signo, sintoma ou instinto de um processo subjacente. Tal método “trata o produto inconsciente no sentido de uma recondução aos elementos, aos processos básicos, sejam reminiscências de acontecimentos reais (...) para a qual não se deveria empregar o termo *símbolo*” (JUNG, 2013 [1941], §887).

Nessa categoria – a análise da traição – vimos que para os mais diversos autores a traição é uma quebra ou ruptura de pactos inerentes à vida humana, além de poder representar um ato infligido a si mesmo perante alguma finalidade consciente ou inconsciente.

Para eles, a traição ainda pode ser vista e analisada como uma resposta espontânea da psique pessoal e coletiva, mesmo que gere sofrimento, com as finalidades de romper um estado de estagnação psíquica e trazer a possibilidade de adaptação e ampliação de consciência – ou seja, é de extrema relevância ao processo de individuação, tanto do traído como

do traidor, se encarado de maneira responsável e não perpetuando padrões pré-existentes.

O apaixonado não consegue perceber tudo no outro; percebe a parte para a qual sua infância o tornou sensível em função do tipo de apego que foi submetido e “É por isso que quando o amante diz: ‘Só penso nela’, está falando apenas de si, porque seu mundo íntimo está preenchido pela imagem que tem dela” (CYRULNIK, 2006, p.94).

Ao refletir a respeito da crise amorosa, Cyrulnik (2006) mostra que a intensidade do amor a uma pessoa cria um período sensível na mente, onde o estresse se eleva – sendo exatamente isso que torna possível o aprendizado do parceiro, existindo, nessa situação, uma impregnação neuro-hormonal.

Porém, uma ausência de estresse nos humanos entorpecidos por excesso de confiança cria uma indiferenciação do meio, que faz com que nenhum fato novo surja na rotina, nada ganhe destaque, o tempo perca suas referências e a identidade não se construa. Inversamente, uma vida conjugal difícil pode fazer com que um excesso de estresse crônico exija demais do organismo, podendo paralisar a vida psíquica pela atrofia dos circuitos da emoção e da memória.

Para o autor, o organismo despertado por um estresse controlado secreta substâncias euforizantes, que fisiologicamente impelem o indivíduo a buscar desafios para vencê-los. A crise amorosa pode ser desejável, pois reúne e coordena fatores biológicos, emocionais e sociais para fazer do momento da crise um período muito sensível de aprendizado do outro e de si.

O relacionamento amoroso firma um contrato implícito do qual se sai diferente do que entrou. Repete-se o modo de amar? É possível não poder se separar de alguém que não se pode mais viver junto? Pode-se ficar traumatizado pelo amor? Ou pode-se manifestar uma evolução resiliente? (CYRULNIK, 2006).

O episódio da traição nunca será esquecido – mas isso não é equivalência de estagnação ou fixação: dentro da traição há a possibilidade de recuperação, de assumir o ocorrido e de seguir em frente. Há, em resumo, a capacidade de ativar um movimento resiliente em si.

A realidade está em constante evolução, quer se trate da realidade ecológica ou da realidade biológica. Experimenta-se um sentimento frente a uma representação de imagens ou de palavras, mas sobre essa realidade, pode-se agir e modificá-la. Para Cyrulnik (2006), é aí que se encontra a possibilidade da resiliência.

Com isso, interessante notar que o perdão (que é contrário ao movimento de fixação) não é uma função egóica, pois o ego não tem condições de perdoar por estar apegado à dor e ao sofrimento que a traição causa. Vemos uma estruturação defensiva perante a traição: negação do ocorrido, distorção da realidade e intenso julgamento de valores, que fixam o indivíduo no evento traumático. A estagnação e fixação egóica não são promotoras de resiliência, pelo contrário: fazem com que o indivíduo repita padrões de funcionamentos, tenha dificuldade na solução de conflitos existentes e na melhora na qualidade de vida.

Dentro de uma perspectiva resiliente, a solução apresentada é que a traição seja integrada à vida como uma experiência vivenciada e se espere o perdão – perdão esse entendido como um processo mental, decorrente de uma ofensa percebida, de cessar o ressentimento contra outra pessoa e contra si mesmo, o perdão que vem da totalidade psíquica. Ou, como Buarque (1983) diz: “Te perdão por te traír”.

Perdoar não é esquecer. É a lembrança da transgressão que transforma (ARAÚJO, 2015). Tal ideia segue a mesma linha de Cyrulnik (2007), que, por sua vez, diz que o indivíduo precisa ser ativo em suas experiências e não vítima passiva de suas circunstâncias. Para tecer a resiliência, a pessoa ferida se divide em dois: uma que reconhece e carrega a

ferida e outra que sonha e busca crescimento. Não se trata de negar ou esquecer a traição, mas sim de integrá-la à personalidade e ao processo de vida, podendo se transformar e se adaptar melhor, bem como ao mundo (CYLRUNIK, 2011).

Ao analisar, no mito de Orfeu², a interdição de “olhar para trás”, Alvarenga (2014) mostra que Orfeu titubeou ao acreditar que no passado residia sua felicidade e “olhou para trás”. Com isso, Eurídice, sua *anima*, perdeu-se no reino da morte.

Olhar para trás, implica perder-se da prospecção, perder-se da busca de si, perder-se do processo de individuação. A neurose por si mesma, retrata o eterno lamento da perda do que passou. Nada poderá ser melhor do que o já vivido. Com essa postura, todos nós, vivendo a consigna do passado, perdemos o presente e não criamos a possibilidade do vir a ser. A vivência neurótica esvazia o ser humano, empobrece as relações, paralisa o crescimento, entorpece os sentidos, inviabiliza o desapego (ALVARENGA, 2014, p.132).

É comum pensar na terapia de casais como um espaço de reconstrução do casamento, como se sempre buscasse favorecer a volta da conjugalidade ferida, na esperança e expectativa da não separação. Aqui se faz necessário lembrar do princípio finalista da psique, proposto por Jung (2000 [1939]), e analisar a traição como um sintoma não só no sentido causal, mas também no sentido teleológico. Essencial atentar para a

² Orfeu é um herói antigo, já presente na expedição dos argonautas. Poeta, cantor de voz suave e melodiosa, tocava lira, tendo aumentado as cordas de sete para nove em homenagem às nove musas. Quando tocava e cantava, os animais selvagens o seguiam, as árvores se inclinavam e os homens mais violentos sentiam-se tomados pela ternura. Ao retornar de sua viagem com os argonautas, casou-se com a ninfa Eurídice (*dimidium animae eius*, ou seja, metade de sua alma). Para celebrar o enlace foi convocado Himeneu, o deus do casamento que com seu archote de chama dourada, que abençoava as uniões. O archote expeliu uma fumaça negra, anunciando um mau augúrio, que se confirmou quando Eurídice despertou a cobiça de Aristeu, perseguindo-a no cortejo das ninfas pelo bosque. Eurídice pisa em uma serpente e morre envenenada.

Orfeu sem Eurídice se sente perdido de si mesmo e tange sua lira com tanta dor que Zeus se comove e lhe dá permissão para adentrar a morada dos mortos em busca de sua amada. Hades e Perséfone, soberanos do reino dos Inferos, também comovidos pela música de Orfeu, concordam com a devolução de Eurídice. Fazem-lhe uma única restrição: não olhar para trás até que transponha os umbrais do reino dos mortos. Ansiedade e temor corroeram a alma de Orfeu e ele olhou para trás e viu a imagem da ninfa esvanecendo-se como fumaça. Orfeu perdeu Eurídice pela segunda vez e voltando à sua terra natal, não mais cantou nem mais tangeu a lira (BRANDÃO, 1992).

importância de pensar a terapia de casal diante de outra perspectiva – principalmente ao lidar com a traição – na qual duas possibilidades podem se apresentar ao casal: a separação ou a reconstrução verdadeira do relacionamento.

Assim, na terapia de casais, principalmente ao lidar com a traição pode-se (e porque não dizer deve-se) considerar: 1. a separação, tomando-se o devido cuidado para que ambos possam retomar e esclarecer suas perdas, feridas e dificuldades no relacionamento, tentando-se manter entre eles o campo saudável com o mínimo de ressentimentos possível, mesmo separados; e 2. a construção verdadeira da relação, que, caso se apresente como melhor escolha para o casal, deve-se voltar para a finalidade de buscar o entendimento e integração da traição. Em última análise a reconstrução do relacionamento pode vir a transformar a conjugalidade perdida e ferida por meio de um “recasamento”.

Podemos pensar, por conseguinte, que o “não olhar para trás” – mencionado anteriormente – possa ser uma estratégia de resiliência. Isso, aliás, segue a mesma linha do versado por Cyrulnik (2011), que propõe sonhar e buscar o crescimento com a finalidade da integração do evento transgressor à personalidade, podendo vir a proporcionar transformação na vida que se apresenta à frente e a seguir.

Corroborando tal pensamento, outrossim, Brandão (1992):

É assim, que olhar para a frente é desvendar o futuro e possibilitar a revelação (...) para trás é o regresso ao passado, às harmathias, às faltas, aos erros, é a renúncia ao espírito e à verdade (BRANDÃO, 1992, p.199).

Para a psicologia analítica a traição é arquetípica, assim como a resiliência. As adversidades vividas, sejam elas quais forem, fazem parte de um processo que tem por finalidade última a transformação do indivíduo. A resiliência corresponde à possibilidade de adaptação positiva ao mundo

interno, quando esse inclui a integração de conteúdos antes inconscientes, tornando o indivíduo mais consciente, flexível, compreensivo e capaz de transformações adaptativas, bem como mais estável.

Te perdôo
Por fazeres mil perguntas
Que em vidas que andam juntas
Ninguém faz
Te perdôo
Por pedires perdão
Por me amares demais

Te perdôo
Te perdôo por ligares
Pra todos os lugares
De onde eu vim
(...)

Te perdôo
Quando anseio pelo instante de sair
E rodar exuberante
E me perder de ti
Te perdôo
Por queres me ver
Aprendendo a mentir (te mentir, te mentir)

Te perdôo
Por contares minhas horas
Nas minhas demoras por aí
Te perdôo
Te perdôo porque choras
Quando eu choro de rir
Te perdôo
Por te trair
(BUARQUE, C. Mil perdões, 1983).

3. O mundo virtual e a traição

A tecnologia tem provocado impacto e mudanças nas ligações amorosas. Telefones celulares, computadores, internet, televisão a cabo – e muitos outros adventos tecnológicos – influenciam nosso modo de relação social e amorosa.

A grande faceta da internet, ultimamente, é a sua utilização para os mais variados fins – principalmente como facilitadora na prática da transgressão e da traição. Contribuem para tanto a facilidade de comunicação à distância, a rapidez no contato com o outro, a possibilidade de marcar encontros furtivos mais rápido e de maneira muito eficaz.

Porém, não podemos deixar de lado o risco que a mesma tecnologia apresenta: a dificuldade em manter segredos e/ou ficar escondido, a possibilidade de um *hacker* invadir seu espaço virtual privativo e até mesmo de fotografias serem divulgadas em redes sociais. Tais questões, aliás, recorrentemente aparecem nos consultórios de psicologia.

Castello Branco (2014), em seu livro *Amar é bom: um guia para relacionamentos felizes*, mostra que hoje em dia muitos homens e mulheres se envolvem rapidamente sem, muitas vezes, ter tido um único contato real, sentindo-se atraídos um pelo outro apenas “conhecendo-se” por meio de *e-mails*, conversas em *chats* de internet, em sites de relacionamento ou até mesmo em aplicativos de celular.

A internet proporciona uma nova maneira de nos relacionar, fazer amigos, arranjar par. Podemos conversar e trocar ideias com pessoas de qualquer parte do mundo. É possível nos apaixonar, brigar, trair, quase tudo que ocorre em uma relação real, sem encontrarmos com a outra pessoa, sem mesmo vê-la para sentirmos se ocorre a esperada “química” (CASTELLO BRANCO, 2014, p.28)

Não há dúvidas que a contemporaneidade tecnológica abriu espaço para as mais diversas potencialidades de relacionamento. Ainda que as pessoas não se vejam nem se falem, as mensagens eletrônicas promovem a facilidade de comunicação, envolvimento e intimidade crescentes: “Apesar de não conhecer o parceiro virtual e só saber sobre ele o que deseja que saibamos, muitas pessoas podem se apaixonar de fato [pois] (...) paixão é mesmo feita de projeções” (CASTELO BRANCO, 2014, p.30).

Vale lembrar que o que hoje acontece por *e-mail*, mensagens de textos e de voz, ligações por *skype* – com ou sem vídeo – e interações nas mais diversas redes sociais, acontecia, não há muito tempo, através de telefonemas e cartas. Portanto, por qualquer que fosse o meio, pessoas traíam e eram traídas.

Usar a tecnologia a nosso favor é bom, porém é importante não esquecer de que nada substitui a verdadeira intimidade, a presença, a lealdade, o contato físico de um casal. Nada substitui vestir-se para sair com a pessoa amada e ir a um show, um cinema, um teatro, um concerto. Nada substitui cozinhar juntos os pratos prediletos. Nada substitui abraçar e sussurrar nos ouvidos do outro mensagens amorosas (CASTELLO BRANCO, 2014, p.44)

O tema da traição é muito recorrente nos consultórios de psicologia, bem como a discussão sobre os meios virtuais utilizados para efetuar a transgressão – ou descobri-la, “Só que a traição não é uma doença. (...) Quem trai sabe muito bem o que está fazendo” (CASTELLO BRANCO, 2014, p.323).

Utilizaremos relatos coletados em sites para ilustrar e discutir algumas modalidades contemporâneas da traição, como uma ilustração acerca do tema aqui aludido. Os depoimentos foram coletados no site da revista feminina Marie Claire, que nos forneceu relatos de traições tanto de mulheres como de homens.

A. Relatos de mulheres

1. “Quando a traição acontece, é porque alguma coisa está errada”

Se a traição acontece, é porque alguma coisa está errada. Tive um namorado que me tratava com grosseria e aconteceu de eu encontrar uma pessoa que me tratou bem. Com outro, o problema foi a distância: ele morava em outra cidade e nunca estava disponível, então tive casos. Depois namorei um cara depressivo, que não me acompanhava em nada. Tinha de sair sozinha, daí acabava traindo. Faz pouco tempo, troquei um cara de 33 anos, que só tinha tempo para a profissão, por um de 23. Com esse, está dando tão certo que vale a pena ser fiel. Até que ele me prove o contrário.

Ruth³, 28 anos, biomédica, solteira.

2. “Traição na minha despedida de solteira”

Venho contar a história da minha traição, falo traição pois foi apenas uma vez contudo não excluo a hipótese de voltar a fazê-lo pois foi um momento de pura diversão. Aconteceu na minha despedida de solteira. Sei que pode parecer um pouco clichê mas foi isso mesmo, acabei por trair o meu marido no meu último dia de solteira... E ao contrário do que possam pensar não fui a nenhum clube de *strip* nem foi por incentivo de amigas. No meu último dia de solteira não saí com amigas, fui sair sozinha e aproveitar um pouco para pensar no quanto a minha vida ia mudar com o casamento. Acabei por parar num bar para beber um café, onde fiquei a conversar com o dono... Falamos durante imenso tempo, quase até à altura do lugar fechar. Já começava a sentir-me super à vontade com aquele homem que me recebeu com grande simpatia no seu espaço, o que acabou por ser um ponto a seu favor. No fim da noite acabei por ajudá-lo a fechar o bar e a arrumar as coisas. O forte dele era a

³ Nome e dados fictícios

conversa e a brincadeira, qualidades que considero extremamente sedutoras e coisa que o meu atual marido nem sempre tem. Acabei por me envolver com ele ali mesmo, no bar onde fizemos amor durante horas. Acabamos por sair de madrugada, saímos pois tinha de me preparar e estar em casa quando todos acordassem. Ainda continuo a ver aquele homem e sei que ele sente desejo por mim, não duvido, era capaz de me envolver com ele, apenas não sei como o abordar agora que estou casada.

Joana⁴, 34 anos, casada.

3. "Se meu marido chegava em casa às 3h, no outro dia eu chegava às 4h"

A coisa começou porque meu ex-marido não transava comigo, não tinha ereção. Isso, só em casa, porque fora ele transava. Eu percebia por causa dos horários, das manchas de batom. Para mim, nada: sexo a cada três meses e com muito sacrifício. Um dia topei sair com um colega de trabalho. Foi uma maravilha, fazia tempo que eu não fazia sexo decente. Achava que não ia conseguir olhar para o meu marido, mas olhei, sim, com a cara mais santa do mundo. Aí, desandou. Entrei numas de competição. Viajei para o Nordeste e fiquei com um cara em Maceió, uma coisa sexo selvagem. Se meu marido chegava em casa às 3 da manhã, no dia seguinte eu chegava às 4. Até que eu descobri que ele tinha uma filha fora do casamento. Foi quando pensei: não dá para competir.

Lílian⁵, 38 anos, comerciante, divorciada.

4. "Traio com prazer mesmo. É gostoso revidar"

Já fui fiel e me iludi muito. Não me perdôo por não ter traído um ex que me enganou por mais de três anos. O cara-de-pau usava meu carro para sair com mulheres. Uma tarde peguei ele beijando outra num restaurante -entrei porque vi meu carro na porta- e terminei tudo. Hoje ninguém me faz de

⁴ Nome e dados fictícios

⁵ Nome e dados fictícios

trouxa. Ninguém me diga 'fulano não trai', isso não existe. Traio meu atual namorado desde o começo, há dois anos. É com prazer mesmo. É gostoso revidar. No primeiro ano saí com uns oito caras, hoje tenho um amante casado. Meu namorado deve desconfiar. Acho que não pergunta porque tem culpa no cartório. Vou continuar traindo até um dia a gente se encontrar por aí, cada um com seu amante. Daí, ou acaba, ou a coisa fica séria, porque os dois podem acordar. Se ele realmente gosta, vai pensar: 'Não posso recriminar, também aprontei'. Estamos quites.

Denise⁶, 40 anos, restauradora de móveis, solteira.

B. Relatos de homens

1. "As mais fáceis de pegar são as amigas da sua namorada"

No lado masculino sempre rola uma pulada de cerca. Namorei por três anos e depois ficamos mais dois num vaivém. Nesse tempo, traí minha namorada inúmeras vezes. Deixava ela em casa à noite e saía com os amigos. Quando você namora, se afasta um pouco da turma, o que gera ciúmes. Eles querem que você os acompanhe em tudo, inclusive nas garotas, e você acaba dando umas escapadas. Mas o principal problema é a rotina. Chega uma hora em que você quer experiências novas. A primeira vez dá culpa. É a traição mais dolorosa. Depois, como a namorada nem se tocou, você trai de novo, sem grandes remorsos. Mas nunca fui atrás das mulheres. Elas é que procuram, parecem gostar mais de homens comprometidos. Até por isso, as mais fáceis de pegar são as amigas da sua namorada.

Marcelo⁷, 24 anos, engenheiro, solteiro.

2. "Não acho que a traição seja um dano à pessoa amada"

⁶ Nome e dados fictícios

⁷ Nome e dados fictícios

Amo minha namorada e consigo me ver casado e com família, mas traio pelo prazer do sexo e da conquista. Gosto de chamar a atenção de outras mulheres, de saber o que pensam sobre mim, de seduzir. Minha namorada não satisfaz todas as minhas necessidades afetivas e sexuais, e estar com ela me deixa muito mais seguro para investir em outras: não tenho medo de levar um fora. Uma vez fiz uma lista das mulheres com quem já fiquei desde que estou com essa namorada: passavam de 200. Ela nunca desconfiou. Quem trai tem de fazer bem feito para não ter que se justificar. Mas não acho que a traição seja um dano à pessoa amada. Para mim, fidelidade é o que reservo a ela de melhor e não dou às outras: tempo, atenção, sonhos, projetos, carinho.

Paulo⁸, 30 anos, publicitário, solteiro.

3. "Quando você casa, atrai ainda mais as mulheres."

Em três anos de casamento, já fiz sexo com mais de 60 mulheres. Gosto muito da minha, mas não sei se a amo completamente. O problema é que ela é muito ciumenta, tenta me controlar, o que é inútil: já transei com outras até no apartamento vizinho, que estava para alugar. O ciúme piorou quando ela descobriu uma das minhas histórias, ouvindo um recado no celular. Não havia como negar, e isso quase causou a nossa separação. Precisei botar o pé no freio, mas ainda rolam encontros. Quando você casa, atrai ainda mais as mulheres. Com gente do trabalho é que apronto mais. Sempre rola um motel, às vezes até de manhã: é o melhor horário, levanta menos suspeita. Não acredito em fidelidade no casamento. Faz parte do instinto do homem desejar outras mulheres.

Fabício⁹, 32 anos, segurança, casado.

4. "Cada mulher tem seu encanto. Por que não aproveitar o que cada uma tem de bom?"

⁸ Nome e dados fictícios

⁹ Nome e dados fictícios

Para mim, encontrar alguém interessante, de bom papo, carinhosa, é que dá o gosto da coisa. Cada mulher é diferente, tem seu encanto. Por que não aproveitar o que cada uma tem de bom? Namoro há quatro anos e, nesse tempo, fiquei com cinco mulheres. Prefiro ter vários encontros com a mesma a sair catando qualquer uma. Já transei na casa da minha namorada com uma amiga dela que estava hospedada lá. O clima de safadeza, perigo e culpa foi muito excitante.

Márcio¹⁰, 35 anos, corretor, solteiro.

Bauman (2004) diz que a era da hipermodernidade na qual vivemos – um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível – é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, ao nosso parceiro ou a nós mesmos, nos deixando propensos a todos os exemplos de relações passageiras:

A súbita abundância e evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício (BAUMAN, 2004, p.19).

E assim é em nossa cultura: consumismo – que favorece o produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, os resultados que não exigem esforços prolongados e garantias de segurança (ou insegurança) totais. Nas palavras de Bauman (2004): “A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir uma ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias que fascinam e seduzem (...)” (BAUMAN, 2004, p.22).

¹⁰ Nome e dados fictícios

O mesmo autor, ainda, com seu conceito de “amor líquido”, nos ajuda a perceber a grande dificuldade que temos ao desejar relações estáveis e cheias de significado enquanto, geralmente, nos deparamos com relações passageiras e rasas.

Nos relatos das mulheres é possível perceber o sentimento de vingança como grande motivador para a ocorrência da traição. Podemos notar que descontentamento com alguma característica do parceiro e uma situação acidental também aparecem como causas prováveis para a traição. Tanto a vingança como o descontentamento com o outro dão a entender que a traição ocorre como um movimento compensatório à dor de ser traído. Castello Branco (2014) nos ajuda:

O traidor vive cindido, dividido. O traído mesmo sem saber de nada, inconscientemente sente que é enganado. O terceiro lado do triângulo também sofre, se o envolvimento for profundo. (...) O silêncio substitui a conversa e as queixas contra o outro são constantes. Ambos assumem o papel de vítima e culpam o outro por sua infelicidade e insatisfação (CASTELLO BRANCO, 2014, p.322),

Nos relatos dos homens vislumbramos a necessidade de satisfação sexual pueril, uma sexualidade que atende ao narcisismo de cada um deles, mas mantendo a segurança de uma namorada ou esposa – que julgam não saberem de nada – sem colocar em análise o relacionamento. Justificam a traição como parte integrante e de manutenção de compromisso sociocultural, podendo esse ser um namoro, noivado ou casamento. Uma vez mais nos auxilia Castello Branco (2014): “Do ponto de vista analítico, quem trai o faz para não trair a si: tenta ser fiel aos seus desejos inconscientes, não aprovados pela sociedade” (CASTELLO BRANCO, 2014, p.319).

Mas será que nos casos transcritos acima tais premissas se aplicam? Não parece existir qualquer reflexão própria a respeito de uma ética mais

pessoal nos casos relatados: apenas a traição por revanchismo, por diversão, por aventura e satisfação imediata dos desejos, muitas vezes, sexuais.

Assim, dentre os relatos apresentados, podemos perceber que, em ambos os gêneros, há liquidez nas relações. Tanto homens como mulheres não se dedicam muito a transformar ou repensar as relações pré-existentes e a si mesmos – e traem até por hábito.

Levando em consideração que o indivíduo resiliente conceitualmente é aquele que capaz de se recuperar e se moldar a cada obstáculo situacional vivido, fica muito difícil perceber nas situações apresentadas ilustrações a resiliência que tanto queremos correlacionar. Não há regeneração, adaptação e flexibilidade direcionadas para algo que não seja o ato de “escapar” da situação monogâmica institucionalizada do namoro, noivado ou casamento. O que se apresenta é a utilização de recursos pessoais e adaptabilidade na sofisticação do ato de trair e de perpetuar as traições, sem questionar a solução ou superação de um eventual conflito.

Pela dificuldade da manutenção em um relacionamento amoroso – e/ou por nele estar – e/ou por consequências de relacionamentos traumáticos anteriores (como uma traição, por exemplo), a maioria dos relatos indica que a vingança é mais preponderante que um movimento resiliente, no qual sacrifícios e conhecimento pessoal (e não a realização imediata de desejos) são necessários.

A grande maioria dos relatos ou das experiências de traição se relacionam muito mais com a necessidade de satisfação narcísica do eu, a vingança e a defesa contra o sofrimento de ser traído do que com o profundo conhecimento de si, respeito para com o outro com alteridade, ética e resiliência.

Para Castello Branco (2014):

Trair é natural para algumas pessoas. Elas não percebem que com isso destroem amores verdadeiros e ferem quem não merece. Trair faz parte da natureza de algumas pessoas que não conseguem amar. Como o aventureiro Giacomo Casanova ou o Don Juan da literatura eles seduzem várias pessoas mas não são fiéis a ninguém. Amam somente a si; amam sentir-se amadas e desejadas (CASTELLO BRANCO, 2014, p.355-356).

Finalmente, encontramos na internet uma breve reportagem – que embora não tenha sido escrita pelo personagem principal, e sim relatada por um jornalista no site de notícias da Folha de São Paulo, na subdivisão Ilustrada – que nos fez pensar ser uma boa ilustração da possibilidade de solução resiliente para a traição.

Nela, referente ao escritor Mario Vargas Llosa, nota-se que houve, muito provavelmente, uma tomada de consciência diferenciada na atitude do consagrado ganhador do prêmio Nobel: para não trair sua esposa, a si mesmo e ao compromisso feito há 50 anos antes, preferiu iniciar outro relacionamento – às claras – com outra pessoa, sem apresentar a satisfação narcísica imediata, sem a necessidade de manutenção de todas as relações amorosas (como, aliás, nos relatos de homens trazidos anteriormente).

Pode, com tal atitude, viver plenamente o “apaixonamento” com outra pessoa – alcançando, a despeito do sofrimento possivelmente existente, uma saída digna, respeitosa e verdadeira para todas as partes envolvidas: a ex-esposa, a atual companheira e ele mesmo.

“Vida pessoal de Mario Vargas Llosa ouriça revistas de celebridades”

Fora do mundo dos livros, Mario Vargas Llosa vive um enredo digno de outra novela. Logo após celebrar o 50º aniversário de seu casamento com Patrícia Llosa – uma festa filmada e distribuída pelos netos em redes sociais – o Nobel

peruano surgiu na capa dos tabloides e revistas de celebridades, principalmente da Espanha, onde mora.

A razão foi ter assumido, aos 79 anos, estar apaixonado por outra mulher, Isabel Preysler, 64, ex de Julio Iglesias e mãe do astro Enrique Iglesias.

Em Madri, Vargas Llosa tem aparecido em público com a nova amada, mas diz ter sido sincero com a companheira de cinco décadas. Fontes próximas ao escritor contaram ao jornal espanhol “El Mundo” que ele disse à mulher não se tratar de uma aventura, mas de um romance de verdade, pois lhe sobrava pouco tempo de vida.

Folha de São Paulo sobre o escritor Mario Vargas Llosa, 79 anos, divorciado.

CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou a realização de revisão da literatura junguiana sobre o tema traição nos relacionamentos amorosos, bem como a verificação de existência da relação entre traição e resiliência, além de compreendê-la.

A primeira parte foi realizada mediante consulta aos principais sites e veículos de produção acadêmica. Em um segundo momento, procuramos livros, pesquisas, artigos e palestras sobre o tema. Depois, selecionamos os que tinham relação entre si e os apresentamos em três categorias: 1. A traição como símbolo; 2. A análise da traição; e 3. O mundo virtual e a traição.

A traição como símbolo – primeira categoria – foi pensada por analogia ao método sintético para análise de conteúdos do inconsciente, proposto por Jung, que se refere à elaboração de produtos inconscientes como se fosse uma expressão simbólica. Dessa maneira, baseia-se na observação da emergência da fantasia e do símbolo com a visão finalista de evolução da dinâmica psíquica.

Encontramos coerência entre os autores que, na perspectiva da psicologia analítica, utilizam a amplificação do símbolo traição e a inevitabilidade da ocorrência dessa transgressão na vida humana, principalmente, com a finalidade e sentido de possibilitar evolução da dinâmica psicológica dentro do processo de individuação.

Já a segunda categoria – A análise da traição – foi escolhida em função do método redutivo proposto por Jung, de maneira mutuamente complementar para análise de conteúdos inconscientes, nada mais sendo que interpretação psicológica considerando o produto inconsciente como signo, sintoma ou instinto de um processo subjacente, reconduzindo o conteúdo aos processos mais básicos da psique.

Igualmente nos foi apresentada consistência entre os autores que, também, na perspectiva da psicologia analítica, ressaltam a importância do “não trair a si mesmo” como motivo frequente da traição nos relacionamentos amorosos. Os textos citam a análise da traição de si mesmo como parte importante e necessária nas psicoterapias individuais ou conjugais. Os autores discriminam a experiência diferente no papel do traído e no papel do traidor.

Foi possível observar que o enfoque junguiano de não trair a si mesmo é um concepção bastante consistente na categoria da análise da traição - uma vez que proporciona um sentido para a transgressão, que pode ser difícil e penoso, mas também digno e honroso dentro do processo de individuação.

Nessas duas primeiras categorias vislumbramos uma relação entre traição e resiliência, ainda que raramente o termo resiliência tenha sido encontrado nas obras examinadas – possivelmente em função da época em que foram escritas, uma vez que os estudos sobre resiliência, nas ciências humanas, iniciaram-se tardiamente. A despeito disso, nota-se claramente a exposição da relação entre a traição e o processo de individuação.

Nos textos e explanações apresentados pudemos perceber que a traição de si mesmo é sempre citada e correlacionada como parte muito importante e necessária na análise pessoal. Dentre os trabalhos selecionados encontramos diferenças sobre a experiência do traído e do traidor. No papel do traído, o processo de adaptação ou o impulso para o processo resiliente, na maioria dos casos, se dá após a tomada de consciência da traição – que é vivida como adversidade. No papel do traidor, retratam a traição como parte de um movimento que vai contra a estagnação psíquica, ocorrendo antes do ato em si da traição, sendo assim a traição decorrente de um processo resiliente.

Por derradeiro, a terceira categoria – O mundo virtual e a traição – se justifica, basicamente, por vivermos em um mundo onde a internet é

amplamente difundida e utilizada, de forma que o ambiente virtual já é intrínseco à vida cotidiana da grande maioria das pessoas, ajudando e/ou dificultando relações. Vale salientar que a internet também proporciona acesso à informações e ilustrações acerca do tema traição.

Observamos na relação entre a traição e mundo virtual a possibilidade do apaixonamento via conhecimento por *e-mails*, conversas em *chats* de internet, sites de relacionamento ou até mesmo aplicativos de celular. A internet traz um meio novo para se apaixonar, brigar, manter um relacionamento, transgredir e trair. O meio virtual efetivamente permite os apaixonamentos – na medida que eles são determinados por projeções. E muitos desses apaixonamentos levam às traições.

Nos sites relacionados à traição, nos deparamos com muitas descrições de experiências explicitando tais transgressões com a finalidade de aventura acidental ou ocasional, vingança, satisfação sexual pueril e necessidade de atenção narcísica e impetuosa realização dos desejos individuais. Foi possível também, quando do exame de tal categoria, percebermos a diferença entre homens e mulheres com relação às motivações e dinâmicas para a traição no relacionamento amoroso por meio dos relatos encontrados na internet.

Acreditamos ser possível estabelecer também a relação entre traição e resiliência, pois a internet pode ser apenas um meio novo para a comunicação amorosa. Na relação por meio da internet, a traição pode ser justificada também como decorrente de um processo resiliente – e, por conta disso, podemos pensar que exista a possibilidade de ocorrer a transgressão e a traição como emergência de um processo resiliente do indivíduo, já que o mundo virtual pode ser considerado mais um meio de comunicação, experiências, conhecimento e relacionamento.

Ocorre que, na contemporaneidade – e nesse momento encerramos a síntese da terceira categoria – esse acesso ao mundo virtual vem sendo utilizado com muita frequência para amores “líquidos”, onde o uso dos

recursos modernos, que possuem a internet como veículo principal, apresenta reforço para a ocasião da traição, a manutenção do amor descompromissado e o apaixonamento narcísico, nos quais parece não haver preocupação com nenhum outro alguém além de si mesmo – e igualmente de forma narcísica.

Acreditamos na importância do apaixonamento e do amor por ideias, pessoas reais, ideais próprios e projetos pessoais – os quais provocam o contraponto com a liquidez atual de relacionamentos virtuais – que expressem a realização do desejo profundo de cada indivíduo. Essa esperada profundidade, no entanto, não encontra tanta ressonância na realidade atual.

Ao lidarmos com a traição como símbolo e analisá-la – tendo sido esse o escopo do presente trabalho – nos colocamos consonantes e coerentes com o proposto por Jung no que concerne aos métodos sintético e redutivo de reconhecimento e interpretação de conteúdos inconscientes. E, ressalte-se, nos foi revelado quão rico é o tema e quão pouco explorado ele é, haja vista a escassez de escritos junguianos publicados sobre a traição.

Enfim, com o estudo em tela, apresentado até aqui, esperamos contribuir para a compreensão da relação entre traição e resiliência, uma vez que a traição pode ser concebida como uma transgressão que abre a possibilidade de transformação pessoal e de vida, por meio da elaboração e transformação, apesar de toda a dor envolvida. Por sua amplitude e complexidade, esperamos que, futuramente e com o passar do tempo, outras pessoas se interessem por tão instigante questão e realizem novas investigações e aprofundamentos dentro dessa temática.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. K. **O casamento em cena: representações da conjugalidade em duas peças de teatro**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005.
- ARAGÃO, R. L. **“O que se diz e o que se faz”**: os significados do casamento, relacionamentos amorosos e infidelidade para jovens adultos solteiros. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.
- ARAÚJO, C. A. **Novas ideias em resiliência**. Revista Hermes, n. 11, p. 85-107, São Paulo, 2006.
- _____ **A resiliência**. In: SPINELLI, M. R. (org). Introdução a Psicossomática. São Paulo : Atheneu, 2010.
- _____ **Aula proferida em 10 de setembro de 2015 na disciplina Abordagens Psicossomáticas em Áreas Específicas: sobre a gênese do desenvolvimento humano**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2015.
- _____ Introdução: **Resiliência Ontem, Hoje e Amanhã**. In: ARAÚJO, C. A.; MELLO, M.A; RIOS, A.M.G. **Resiliência: Teoria e Práticas de Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Ithaka Books, 2011.
- AURÉLIO. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2010.
- BAUMAN, Z. Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BONDER, N. **A alma imoral: traição e tradição através dos tempos**. Rio de Janeiro : Rocco, 1998.

- BONDER, 1998, Entrevista para Revista Época. In http://www.niltonbonder.com.br/port/entrevistas/1998_07.htm. Acesso em 09 de junho de 2016.

- BRUTSCHE, D.C. **Betrayal of the Self, Self-Betrayal and the Leap of Trust: The Book of Job, a Tale of individuation.** In WIRTH, S.; MEIER, I.; HILL, J. Junguian Odyssey Series. Vol III: **Trust and Betrayal. Dawnings of Consciousness.** Gersau, Switzerland. May 22-29, p.15-26. 2010.

- BUARQUE, C. Mil perdões. 1983.

- CAROTENUTO, A. **Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud.** Organizado por Aldo Carotenuto; tradução de Amélia Rosa Coutinho. – Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984.

- CAROTENUTO, A. **Amar trair: quase uma apologia da traição.** Tradução Benôni Lemos. – (Amor e Psique) Título original: Amare tradire: quasi un’apologia del tradimento – São Paulo : Paulus, 1997.

- CASTELLO BRANCO, L. **Amar é bom. Um guia para relacionamentos felizes.** Ebook. 2014.

- COSTA, G. P. **Conflitos da vida real.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

- CYRULNIK, B. **Os patinhos feios.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- _____ **Falar de amor à beira do abismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

- _____ **De cuerpo y alma: neuromas y afectos – la conquista del bienestar.** Barcelona: Gedisa, 2007.

- _____ **Resilience: How your inner strength can set you free from the past.** London: Penguin Books, 2011.

- DINIZ, M. H. **Curso de direito Civil Brasileiro**, v. 5: direito de família. 18 ed. aum. e atual. De acordo com o novo Código Civi (Lei n. 10.406, de 10-01-2002). São Paulo: Saraiva, 2002.

- EGGER-BINIORES, D. **Trust and Betrayal in Adult Relationships**. In WIRTH, S.; MEIER, I.; HILL, J. Junguan Odyssey Series. Vol III: **Trust and Betrayal. Dawnings of Consciousness**. Gersau, Switzerland. May 22-29, p.67-78. 2010.

- ENGELHARD, S. **Alquimia dos amores impossíveis**. Palestra proferida no XII Simpósio do Núcleo de Estudos Junguanos PUCSP: Erotismo e Sexualidade. São Paulo, 31 de outubro de 2014.

- FOLHA DE SÃO PAULO – **Ilustrada**.
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1688201-vida-pessoal-de-mario-vargas-llosa-ourica-revistas-de-celebridades.shtml> . Acesso em 24 de maio de 2016 às 16h55.

- FIGUEIREDO, A. C. C. **Os lutos da mulher diante da infidelidade conjugal**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

- GUERRA, M. H. R. M. **O livro vermelho: o drama de amor de C. G. Jung**. São Paulo: Linear B, 2011.

- GROTBORG, E. H. Introdução: **Novas Tendências em Resiliência**. In MELILLO, A.; OJEDA, E.N.S. **Resiliência – Descobrimo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

- GUGGENBUHL-CRAIG, Adolf. **O casamento está morto – viva o casamento!**. Tradução Dr. Pedro Ratis e Silva. São Paulo, SP: Símbolo S.A. Indústrias Gráficas, 1980.

- GRIMBERG, Luiz P. **A traição de Bentinho. Um estudo sobre a psicopatologia do ciúme e da traição.** Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – volume 18, nº1/2000.

- HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 2009.

- HILLMAN, James. **Estudos em psicologia arquetípica.** Tradução Dr. Pedro Ratis e Silva; revisão técnica Roberto Gambini. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1978.

- HILLMAN, J. **Re-vendo a psicologia.** Tradução Gustavo Barcelos. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

- INFANTE, F. **A Resiliência como Processo: uma revisão da literatura recente.** In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. (Org.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

- JORGE, Denise B. P. **Traição: um desígnio.** In Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – volume 33, nº1/2015.

- JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação: a análise dos prelúdios de uma esquizofrenia.** OC V. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

- _____ **Tipos psicológicos.** OC VI. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

- _____ **Psicologia do Inconsciente.** OC VII/1. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

- _____ **O eu e o inconsciente.** OC. VII/2. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

- _____ **A Dinâmica do Inconsciente.** OC VIII. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

- _____ **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** OC IX/1. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- _____ **Aion – Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo.** Obras OC IX/2. Tradução Pe. Dom Matheus Ramalho Rocha, Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- _____ **Psicologia da religião ocidental e oriental.** OC XI. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- _____ **O desenvolvimento da personalidade.** OC XVII. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- _____ **Cartas 1946-1955**, v. II. Petrópolis: Editora Vozes, 2002a.
- LUTHAR, S. S., CICCHETTI, D., & BECKER, B. **The construct of resilience: acritical evaluation and guidelines for future work.** Child Development, 71(3), p.543-562, 2000.
- LUTHAR, S.S.; CICCHETTI, D. **The construct of resilience: Implications for interventions and a social policies.** Development and Psychopathology, 1200.
- MASTEN, A. S. **Ordinary magic: resilience processes in development.** American Psychologist, Minnesota, v. 56, p. 227-238, 2001.
- MELILLO, A.; ESTAMATTI, M.; CUESTAS, A. **Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência.** In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.
- OJEDA E. N. S. **Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária.** In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. (Orgs.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

- PASINI, W. **Amores Infiéis. Psicologia da traição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- PEREIRA, M. E. C. Prefácio. In: HADDAD, G. **Amor e fidelidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- PITTMAN, Frank S. **Mentiras privadas: a infidelidade e a traição da intimidade**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.
- RAMOS, D. G. **A psique do corpo**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.
- REVISTA MARIE CLAIRE. **Vida Dupla: Retratos de uma traição**. Acesso em 24 de maio de 2016 às 17h.
<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML914459-1743-2,00.html>
<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML914459-1743-1,00.html>
- RICOTTA, L. **O vínculo amoroso: a trajetória da vida afetiva**. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2002.
- ROBLES, Deusa Rita Tardelli, PESSOA, Maria Silvia C., FONTANA, Olga Maria. **“Te perdôo por te trair(es)”**. In BENEDITO, Vanda Lucia di Yorio (org) **Terapia de Casal e Família na clínica junguiana: teoria e prática**. Summus Editorial, 2015.
- SCHEINKMAN, M. **Para além do trauma da traição: reconsiderando a infidelidade na terapia de casais**. Original de Family Process, n.44, p.227-224. Traduzido por Clarissa Peixoto e publicação em Nova Perspectiva Sistêmica em 30/04/2008. P.44-66, 2008.
- SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUTT, F. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1988.

- SAVAGE, J.A. **Trust and Betrayal: Four Woman Under Jung's Shadow**. In WIRTH, S.; MEIER, I.; HILL, J. Junguian Odyssey Series. Vol III: **Trust and Betrayal. Dawnings of Consciousness**. Gersau, Switzerland. May 22-29, p.101-116. 2010.

- SOUZA, T. S. S.; CERVENY, C. M. O. **Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica**. Revista Interamericana de Psicologia, Porto Alegre, v. 40, n. 01, p. 119-126, 2006.

- STEIN, M. **Betrayal: A way to wisdom?**. In WIRTH, S.; MEIER, I.; HILL, J. Junguian Odyssey Series. Vol III: **Trust and Betrayal. Dawnings of Consciousness**. Gersau, Switzerland. May 22-29, p.5 – 14. 2010.

- TORRES, Renata F. **Reflexões sobre a traição amorosa na psicologia e na arte**. In Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – volume 32, nº1/2014.

- VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão**. São Paulo: Ática, 1992.

- ZERBINI, M. I. S. **Infidelidade – o virtual invade a conjugalidade: o que buscam os usuários de sites de infidelidade**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.